

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA PLENA EM
DESENHO E PLÁSTICA**

Fábio Camargo da Silva

**A/R/TOGRAFIA - SOBRE SER PROFESSOR, ARTISTA E
PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS**

Santa Maria, RS

2018

Fábio Camargo da Silva

**A/R/TOGRAFIA - SOBRE SER PROFESSOR, ARTISTA E
PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado à Universidade
Federal de Santa Maria, como requisito
parcial para a obtenção do Grau de
Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

Fábio Camargo da Silva

**A/R/TOGRAFIA - SOBRE SER PROFESSOR, ARTISTA E
PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
de Graduação apresentado à
Universidade Federal de Santa
Maria, como requisito parcial para
a obtenção do Grau de **Licenciado
em Artes Visuais.**

Aprovado em 02 de Julho de 2018:

Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira - Orientadora - (UFSM)

Profa. Dra. Andréia Machado Oliveira - (UFSM)

Prof. Ms. José Francisco Goulart - (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

Um processo de singularização da subjetividade pode ganhar uma imensa importância, exatamente como um grande poeta, um grande músico ou um grande pintor, que, com suas visões singulares da escrita, da música ou da pintura, podem desencadear uma mutação nos sistemas coletivos de escuta e de visão

(ROLNIK; GUATTARI, 2010 p. 65).

RESUMO

A/R/TOGRAFIA - SOBRE SER PROFESSOR, ARTISTA E PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS

AUTORIA: Fábio Camargo da Silva

ORIENTADORA: Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

A presente investigação teve seu início em 2016, reverberando como potência que se estabeleceu da união da prática artística, da formação docente e da pesquisa, tanto em arte quanto em ensino. Em parte a pesquisa desdobrou-se sobre as problemáticas da utilização em sala de aula do diário da prática pedagógica, (CARDONETTI & OLIVEIRA, 2015; ZABALZA, 2004), ponto de encontro tensionador das falas, indagações, vivências e comprometimentos que se fizeram necessários para o seu desenvolvimento. Como conceito principal foi utilizado a produção de subjetividade, estabelecendo dialogo com autores como Carvalho (2014), Guattari (1995), Preciosa (2013) e Rolnik (2010), definição esta que dialoga e se entrelaça com o que se tem produzido a fim de gerar uma investigação que possibilite uma conexão entre artista/ professor/ pesquisador. Tal trabalho investigativo é produzido ao modo da a/r/tografia como metodologia de pesquisa. Para tanto, foram convidados autores como Dias, Irwin e Hernández (2013), permitindo assim que englobasse as necessidades e especificidades de uma pesquisa que ao mesmo tempo se relaciona diretamente com a educação, tendo como base as artes visuais. Como problema de pesquisa optou-se por investigar como produzir-se professor em meio a produção artística e o processo investigativo. Sem que seja possível um resultado concreto, mas ainda assim possibilitando desdobramentos acerca do tema, foi possível perceber como a produção de subjetividade opera em nosso mundo capitalístico hoje, e como as problemáticas geradas podem ser tomadas como modificadores criativos através da singularização do sujeito.

Palavras-chave: Produção de subjetividade, A/r/tografia, Diário da prática pedagógica, Singularização, Docência em artes visuais.

ABSTRACT

A/R/TOGRAPH - ABOUT BEING A PROFESSOR, ARTIST AND RESEARCHER IN VISUAL ARTS

AUTHOR: Fábio Camargo da Silva

ADIVISOR: Profa. Dr. Marilda Oliveira de Oliveira

This research began in 2016, reverberating as a power that was established from the union of artistic practice, teacher training and research, both in art and in teaching. In part, the research focused on the problems of classroom use of the pedagogical practice diary (CARDONETTI & OLIVEIRA, 2015; ZABALZA, 2004), a tensing meeting point for the speeches, inquiries, experiences and commitments that became necessary for its development. As a main concept, the production of subjectivity was used, establishing dialogue with authors such as Carvalho (2014), Guattari (1995), Preciosa (2013) and Rolnik (2010), a definition that dialogues and intertwines with what has been produced in order to generate an investigation that allows a connection between artist / teacher / researcher. Such investigative work is produced in the manner of a/r/tography as a research methodology. In order to do so, authors such as Dias, Irwin and Hernández (2013) were invited, thus allowing the needs and specificities of a research that at the same time is directly related to education, based on the visual arts. As a research problem we opted to investigate how to produce a teacher in the midst of artistic production and the investigative process. Although it is not possible to achieve a concrete result, but still allowing for unfolding about the theme, it was possible to perceive how the production of subjectivity operates in our capitalist world today, and how the problematic generated can be taken as creative modifiers through the singularization of the subject.

Keywords: Production of subjectivity, A/r/tography, Journal of pedagogic practice, Singularization, Teaching in the visual arts.

Sumário

Capítulo 1	Professor, Artista, Pesquisador _____	9
	Percurso _____	10
	A/r/tografia _____	11
	Como tudo começou _____	20
	Escolhas _____	24
Capítulo 2	Quem produz quem? _____	27
	Objeto arte _____	28
	Fragmentos _____	34
	Objeto máquina _____	36
Capítulo 3	Das fotos grafias _____	41
	Fotografia e solidão _____	48
	Sobre o retrato _____	50
	Artefato _____	56
Capítulo 4	O que produz o que? _____	67
	Produção de subjetividade _____	68
	Sujeito e subjetividade _____	70
	Sociedade e produção _____	71
	Singularização criativa _____	73
Capítulo 5	Experiência pedagógica _____	76
	Uma docência _____	77
	Sobre “dar aula” _____	77
	Peças ao vento _____	81
	Sobre vontade no percurso acadêmico de um licenciando em Artes Visuais _____	87
Capítulo 6	Dos Diários da Prática Pedagógica _____	95
	Considerações finais _____	107
	Referências _____	109




DELTA

Ciz Escolar


DELTA

64
Unidades

PESO LIQ. 260g
NET WT. 9.17 Oz.

COLORADO

64
Unidades

Atención:
Se requiere el uso de
guantes para su manejo
CORRECCIÓN DE ERRORES
COMPOSICIÓN: 100% espuma
Grosor: 100% espumosa

CAPÍTULO 1

PROFESSOR
ARTISTA
PESQUISADOR

Estágio Curricular Supervisionado
III - EMAET, 2º sem. 2017. Fonte:
Arquivo pessoal.

Percurso

Desenvolvi o problema de pesquisa optando por buscar respostas a seguinte questão: Como me produzi professor em meio a produção artística e o processo investigativo? Como ideia inicial, investiguei conceitos referentes a identidade e ao pertencimento, havendo como parte do processo imagens e algumas passagens referentes a este outro modo de pensar, no entanto, precisei traçar outros caminhos. Foi pensando a metodologia desse trabalho de pesquisa que deparei-me com a *A/r/tografia* (HERNÁNDEZ, 2013), uma metodologia baseada em arte, possibilitando vivenciar a pesquisa em um nível onde professor, artista e pesquisador fundiam-se em um só.

O desenvolvimento dessa investigação passou por inúmeras mudanças, sendo precisamente este processo de produção do trabalho, das percepções e de como me produzi como professor que se mostrou potente e possibilitou o desenvolvimento da mesma. Fui estudante e docente, artista e pesquisador, percorri territórios onde a todo momento fui afetado por objetos, pessoas, obras e pelo funcionamentos dos sistemas sociais vigentes.

A investigação a respeito da produção de subjetividade pôde atuar na geração de problemáticas no que tange aos processos de singularização, permitindo sua utilização com tensão artística e docente, auxiliando os interessados quanto aos processos de produção docente e artística, sob a perspectiva de Rolnik (2010) e Guattari (1995).

No decorrer deste percurso investigativo pretendo abranger temas que englobem a produção como professor, artista e pesquisador em formação, tendo como objetivo geral vislumbrar o estar me produzindo no meio artístico e docente em decorrência de como a produção de subjetividade vem operando neste processo.

Revisitei vivências possibilitadas pelos estágios curriculares supervisionados e a produção dos diários da prática pedagógica (CARDONETTI; OLIVEIRA, 2015), diários os quais agiram como potência e ferramenta auto-avaliativa do professor em formação, o que possibilita nestas circunstâncias uma aplicação teórico-prática da produção do diário da prática pedagógica em outros contextos que não o espaço de formação acadêmica.

A/r/tografia

No decorrer deste percurso formativo, busquei maneiras de conseguir um embasamento quanto ao ser professor, a partir das resoluções dos conflitos onde tinha mais experiência, sendo artista e pesquisador.

Neste processo, aos poucos notei a necessidade de, por vezes, agir como um artista em sala de aula, e agir como professor em momentos em que um artista era pedido.

Penso não existir artista sem a pesquisa dos meios, das técnicas, das soluções. Ser pesquisador, artista e professor se tornou um modo de agir, uma mescla que pintura a pintura, aula a aula foi tornando-se indivisível. No decorrer dos anos não era mais possível identificar limites ou onde ocorreram as fusões que levaram-me a ser a/r/tógrafo.

A teoria e a prática não poderiam mais andar separadas, as problemáticas levantadas, algumas vezes respondidas pela atuação da pesquisa incessante através do pincel, da câmera, agora podiam ser uma coisa só, sem veios de separação, sem delimitações claras.



Instalação - Identidade e pertencimento, 1º sem. 2018. Fonte: Arquivo pessoal.

Diante do fato da possível união e/ou justaposição do artista/pesquisador/professor me vi rodeado de incertezas quando deparei-me com o momento da escrita, da construção dos primeiros trabalhos de pesquisa em educação e arte. “O convite ao leitor, nessas metodologias, é diferente do apelo da pesquisa tradicional, pois está baseado no conceito de que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo” (DIAS, 2013, p. 23).

Mesmo tentando inicialmente seguir um modelo metodológico adaptado das ciências como linha condutora deste trabalho, não foi viável usá-lo como único critério para que pudesse assim produzir uma pesquisa. Nasce, em vista disso, uma busca por diferentes modalidades de pesquisa que pudessem acomodar da melhor maneira um trabalho pautado na produção em arte.

Senti necessidade de uma metodologia que abarcasse as nuances e facetas que o trabalho vinha alcançando. Foi então que deparei-me com a Pesquisa Baseada em Arte e a Pesquisa Educacional Baseada em Arte. Dias (2013, p. 23) expõe que “[...] estas novas formas de expressão acadêmica surgiram da inadequação dos discursos acadêmicos correntes em alcançar as especificidades na pesquisa em artes.” Estabelece-se aqui um renovado panorama a respeito das possibilidades de pesquisa em artes.

Dias (2013, p. 23) complementa que a partir de maneiras inventivas, estas pesquisas “[...] estabeleceram oportunidades de ver, experimentar o ordinário, aprender a compreender as novas e diferentes maneiras de se fazer pesquisa em artes e deram especial atenção à forma da sua circulação e publicação.”

Levando em consideração tal trajetória, inundada por um contato incessante do trabalho plástico junto a pesquisa pedagógica, num momento de cabível importância como um trabalho de conclusão de curso, poder confiar em um método de pesquisa que a priori se mostra extremamente complexo parece contra-produtivo, no entanto:

O argumento-chave para essas metodologias é que elas, ao enfatizarem a produção cultural da cultura visual, rompem, complicam, problematizam e incomodam as metodolo-

gias normalizadas e hegemônicas que são aquelas que estabelecem, formatam, conduzem, concebem e projetam o conceito de pesquisa acadêmica em artes, educação e arte/educação. [...] buscam deslocar intencionalmente modos estabelecidos de se fazer pesquisa e conhecimentos em artes, ao aceitar e ressaltar categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo (DIAS, 2013, p. 23).

Poder distanciar-se dos métodos estabelecidos de pesquisa acadêmica até então hegemônica é de certa forma uma conquista libertadora de ‘grilhões’, os quais me prendiam, forçando-me a seguir por uma via em que não fazia mais sentido para mim. Neste aspecto percebi que “na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem.” (DIAS, 2013, p. 25), o produzir uma obra tornou-se mais do que apenas tentar reproduzir mimeticamente. Resultados já não tinham tanta importância, o ato transformador do estar em percurso adquiria relevo pouco a pouco diante das diárias procuras por fórmulas e receitas do fotografar, pintar, ensinar.

Trazendo de forma mais nítida,

A a/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização. A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista). Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e graph (grafia: escrita/representação) (DIAS, 2013, p. 25).

Sentindo-me de braços presos, agora libertos, trago um montante de produção de um percurso mutável onde a relação entre a escola e o ateliê é nítida, envoltas em substância quase palpável, a tal ponto de serem usadas em concorrência de aprendizagem e ensino.

O pertencimento ao co-
mum mediático:
tempos de transição

Mauro Wilton de Sousa

Pertencer a quê? Enraizar-se
onde? Incluir-se no quê? A
necessidade da busca do per-
tencimento é tão complexa quan-

to da objetivação
que fundamenta essa
mesma intensidade.

O conceito tem sua
significação

ampliada e atu-
alizada na propo-
sição em que igual-
mente assume o

de comunidade,
especialmente
no estabeleci-
mento de nova

s fronteiras
ante o concei-
to de socie-

dade. Tanto
a subjetivi-
dade como a
objetividade

(afeto ou
emocional),
enquanto so-
ciedade tra-
ta de inte-
resses racio-
nais (fins
ou valores).

Comunidades são sempre de-
finidas pelo que é comparti-
lhado, mas também pelo que
é distinguido, se faz na
diferença e multiplicidade,
a partir da aceitação da
diversidade e não sua supres-
são. Se trata do "estar
com", tudo que é confiante
e íntimo, com realidades
partilhadas, o que gera a
confluência de olhares. O
estar junto da comunidade
não significa partilhar da

experiência do outro impli-
ca uma atitude recíproca
de interioridade. O contexto
da Sociedade contemporâ-
nea redimensionou as condi-
ções de expressão e publica-
ção do "estar com", pos-
sibilitando novos olhares e
oferecendo elementos para
entender o processo
de constante muta-
ção da comunidade.

Espaço Urbano
Ana Fani A. Carlo

"o espaço urbano
apresenta um sen-
tido profundo, po-
is se revela con-
dição, meio e
produto da ação
humana - pelo
uso - ao longo
do tempo. Esse
sentido diz res-
peito à supera-
ção da idéia
de cidade re-
duzida à sim-
ples locali-
zação dos fe-
nômenos (da
indústria, por
exemplo),
para revelá-
la como sentido
da vida humana

em todas as suas dimensões, -
de um lado, enquanto acumula-
ção de tempos, e de outro,
possibilidade sempre renovada
de realização da vida. Assim
, a cidade se realizaria tam-
bém, como lugar do possível-
possibilidade de um projeto
voltado para o futuro.



Como investigador observo e anoto quaisquer mudanças no ambiente de pesquisa. Palavras soltas ao vento, reações adversas, me reestruturo diante da formação vital da atmosfera ao redor, lendo, reescrevendo, pois a “a/r/tografia é uma pesquisa viva, um encontro construído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais.” (IRWIN, 2013, p. 28).

Sigo a vida em sala de aula como artista que sou, compreendendo as mudanças insólitas diárias, experienciando reações adversas, produzindo cambiantes obras que solitárias percorrem as temáticas indistintas de um artista ainda em formação, de um educador sendo artistado.

Artistas se envolvem em investigações artísticas que os auxiliam a explorar questões, temas ou ideias que inspiram suas curiosidades e sensibilidades estéticas. Já educadores se envolvem em investigações educacionais que os ajudam a estudar assuntos, tópicos e conceitos que influenciam nas suas aprendizagens, assim como nas maneiras de aprender a aprender (IRWIN, 2013, p. 29).

Penso em texto e imagem em mescla constante, apoiados, enlaçados, enredados, ambos a cumprirem um constante papel tensionador de indicar um caminho e desviar do caminho pré disposto. Indeciso de como utilizá-las a princípio, logo,

Entretanto, penso que o desafio do investigador deve ser mais ambicioso e tentar desenvolver paralelamente narrativas autônomas (textual e visual) que se complementem, entrecruzem e permitam que surjam espaços para criar novos significados e relações (HERNÁNDEZ, 2013, p. 50)

Acredito que uma imagem não deve ser pensada somente como ilustração, mesmo que apoiando a escrita desta forma, consiste em não abrir possibilidades interpretativas, apenas conduz o pensar em uma determinada direção, sem expectativa de abertura ou problematização, algo que não é desejável em um ambiente onde a pluralidade de ideias é um fator potente. Usá-las de forma que essas narrativas sejam possuidoras de independência, seja ela visual ou textual é uma maneira de abrir horizontes possíveis, deixando um pouco de lado sua utilização apenas como representação uma da outra. É interessante observar que:

A/r/tógrafos podem usar as formas qualitativas de coletar dados das ciências sociais (levantamentos, coleta de documentos, entrevistas, observação participante etc.) e frequentemente também se interessam por histórias de vida, lembranças e fotografias (IRWIN, 2013, p. 29).

Tendo em mente a variedade em que se podem desenvolver pesquisas em arte, são notáveis os distanciamentos possíveis relacionados ao eixo ilustrativo da imagem, isto é desejável, tomado como desafio, seu propósito principal de criar novas relações e sentidos tende a ser alcançado cada vez por mais investigadores, tanto o quanto é possível a união de sua teoria e prática no campo da educação e arte, pois:

*Deste ponto de vista, investigações impregnadas de práticas não são apenas agregadas à vida de alguém, mas são a própria vida deste, de modo que 'quem se é torna-se completamente emaranhado naquilo que se sabe e faz' (Sumara; Carson, 1997, p.xvii *apud* IRWIN, 2013, p. 28).*

Categorias como a imaginação, a incerteza e o dinamismo, são próprias do meio artístico e educacional, diria que são importantes para uma produção, e mesmo para uma pesquisa pedagógica.

Explorar ideias, questões e temas artisticamente originais maneiras de produzir significado, pessoal e coletivamente. Assim, usar arte e texto, prática e teoria, permite a interligação uma forma de conversação relacional (IRWIN, 2013, p. 29).

Explorar a produção de sentidos de certa forma constitui parte da busca por manter alguma singularização. No entanto, se constitui desafiador utilizar arte e texto de maneira a sempre produzir questionamentos e problematizações, sem que se constitua um processo monótono ou repetitivo.

Outra questão a ser abordada foi o motivo da escolha de um trabalho a/r/tográfico em detrimento de outras modalidades de pesquisa, sua finalidade ou sentido como investigação. Em demorado pensar, sutilmente minha faceta artística tomou controle. Tal como observa Hernández (2013, p. 54).

A arte é uma experiência que, de maneira simultânea, atrai nossos sentidos, emoções e intelecto. A razão pela qual necessitamos de arte e a criamos tem a ver com sua capacidade de nos fazer sentir vivos e de descobrir o que não tínhamos nos dado conta antes, inclusive quando está presente frente a nós. [...] As imagens ou experiências que têm referência emocional permanecem conosco, talvez ocultas em nosso inconsciente, para aparecer e provocar uma resposta mais tarde.

A a/r/tografia é possuidora de uma visualidade que pode ser memorável se conseguida uma atenção emocional apropriada às reverberações que podem ser ocasionadas por um trabalho de pesquisa pautado nesta espécie de metodologia. Ela funciona como respingos em uma sala de aula, sendo possivelmente rememoradas noutros momentos, talvez muito tempo depois. Tais ecos do saber parecem-me saborosos nesta ampla mesa servida que é a docência.

Tateando por entre mesas e cadeiras abarrotadas de pernas, mochilas e papéis, aos poucos cato restos que caem das mesas em meio ao vai e vem de es-

tudantes inquietos, revejo a a/r/tografia e novos sentidos se constroem constantemente, vira folha, quebra lápis, tantas interrupções, desatentos os estudantes se entregam a seus desejos mais incontroláveis de socialização, sou jogado ao raso por um vento arrebatador, doído ergo-me chacoalhando a terra áspera do jaleco, peço silêncio, mas não quero nenhum silêncio, quero desenvolvimento, questões, relações, quero aprendizado.

Sinto meus braços em fluxo, pulsantes, os dedos em manualidade fundindo-se na escrita, na produção em arte e na pesquisa, ora artista, ora pesquisador, ora professor, tomando espaço cada vez menos em seu respectivo ‘habitat’, transbordando em outros territórios, ocupando multiplas funções.

Falanges deslocadas, inchadas, doídas, elétricas e ávidas por escrever, invadidas e afetadas a todo momento em um pensar múltiplo de fazeres e atos. Dedico-me ao processo, incessante, não de formar, mas de fundir o artista ao professor, o pesquisador ao artista e o professor ao pesquisador, tal qual a incerteza dos encontros me destrói e reconstrói, por vezes com peças antigas, donas de certezas esquecidas, trocadas, incertas.

A máquina datilográfica aconteceu como uma surpresa veio a mim de repente. Atravessou-me como um raio, rápido e contundente.

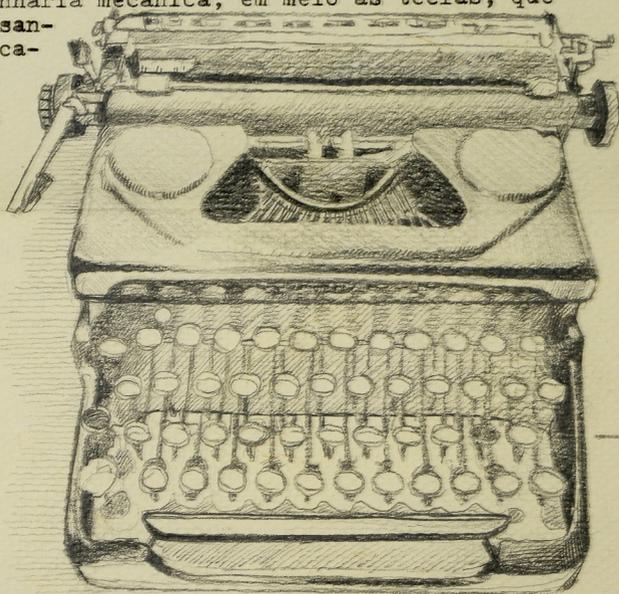
Ela é pura engenharia mecânica, em meio as teclas, que se assemelham a da sanfona, ela caminha, cada digito um passo por vez. O som compassado, seco, e ao mesmo tempo orgânico, se revelou um mundo a parte.

Sim, pertence ao meu mundo, ao mecânico, a minha esfera de vivência.

Sou grato por te-la conhecido cedo. Na infância, a brincar de ser um escritor, um contador de histórias, tal como em certa medida sou hoje.

Este é o sentido radical de uma estética da imanência: ela se deseja gesto e não representação, Darstellung e não Vorstellung, processo e não aspecto, contato e não distância. Ela é teatro: ela tenta encenar, reencenar em sua minúscula escala - uma mesa, uma folha de papel, tinta e uma pena - o grande jogo do "mistério da vida". (Didi Huberman, A imanência Estética, p. 143.)

Cada teclar soava como uma construção, do pensamento, da vida, exatamente como hoje é o "dar aula", construir, unir, desvelar, contribuir, mediar, enfatizar, sofrer, mas sempre retornar, com medo, sem medo, tanto faz na verdade, pois mesmo assim terá de ser feito. Não há escapatória, nem deveria ser encarada desta maneira a sala de aula. Por que?



Como tudo começou

Iniciando o trabalho de pesquisa sigo percorrendo caminhos sem poder distinguir o artista, o professor e o pesquisador em meio ao projeto A/R/Tográfico. Tal trajeto percorre desde antes da passagem pela vida acadêmica, em algumas palavras trago impressões de experiências vívidas na disciplina de Pedagogia da Educação e Arte II, sob orientação da Profa Vivien K. Cardonetti, no primeiro semestre de 2016.

Neste trajeto, há muito percorrido, rememoro angústias inéditas na época. Uma criança a descobrir as sensações conflitantes de relações com outras crianças, outros lugares. Lembro-me bem, pois era inverno e minha mãe, Ereni, professora estadual, me carregava pelo corredor frio de uma escola pública.

Ao meu redor crianças na minha faixa de idade, cerca de oito anos, conversavam e brincavam descontraidamente, até que o silêncio tomou conta da sala, dos olhares curiosos eu desviava a passos curtos, procurando um lugar livre para sentar, envergonhado, pois naquele dia eu era o filho da professora.

Encontrava-me em uma situação estranha, mês do meu aniversário, este que por questões religiosas, nunca foi comemorado, isso me ensinou a perceber quais outros aspectos e nuances detentoras de outras possibilidades podemos experimentar. O colégio, grande, frio e acima de tudo desconhecido, se apresentava como um novo mundo, filho único sempre fui acostumado a ter poucos amigos.

Das brincadeiras infantis adentrava em uma nova era de maturidade, o desafio agora se tornou múltiplo, conviver com os coleguinhas. Aquelas paredes que já não eram mais brancas há muito tempo, exibiam os rabiscos de inúmeras e passageiras turmas, nomes, cores, e o cheiro característico de um ambiente que recebe muitas pessoas.

Colegas dotados dos mais diferentes esteriótipos, altos, baixos, brancos, pardos, negros, o desafio era a diferença. Alguns exibindo ideias brilhantes, outros arrogantes e mal educados que só fizeram-me repensar o porquê de manter certas amizades.

Tão estranho era o olhar que alguns tinham, era pequeno e ainda assim notava claramente que o tratamento que recebia era especial, no recreio não me sentia à vontade em meio aos colegas. Gostava mesmo era da sala dos professores, do cheiro do lanche, das conversas enfadonhas das ‘tias’, das brincadeiras que me deixavam sem jeito e dos elogios, ‘é o seu filho? Que bonito!’, ‘Ele está crescendo, hein!’.

Ainda me lembro da professora do ‘pré’, Terezinha, quando se dirigiu a mim muito cedo ressaltando seu gosto em relação a minha escolha quanto a ser professor de artes, naquela época já me destacava graficamente do restante da turma, graças a minha mãe que me alfabetizou antes de adentrar na escola, sempre estimulando a escrita, a leitura e o desenho.

Alguns anos mais tarde, já em outra escola, passava grande parte do tempo a desenhar, em um mundo próprio, com minhas criações, traços e folhas de caderno intermináveis, com linhas e linhas de conforto e aventura, em decorrência da falta de atenção direcionada às aulas e explicações, tive muita dificuldade principalmente em matemática, chegando a repetir o ano, apesar do professor Leonardo, colega de formação de minha mãe, a alertá-la da minha displicência.

Nos anos seguintes, procurando me relacionar com a arte, fiz cursos, tentando desbravar um caminho para o qual percebi que desde cedo já direcionava-me.

Sempre tive admiração por algumas das melhores pessoas que cruzaram meu caminho, das quais a maioria inevitavelmente foram docentes, àquelas figuras sempre prontas a ajudar, traçando uma linha por onde podia seguir se importando com meu bem estar, com o que eu produzia, tentando de quaisquer maneiras abrirem meus olhos para as possibilidades de como tornar-me uma pessoa melhor.

A empatia, a calma e a visão de que se persistir e tentar, cair e levantar, poderemos alcançar nossos objetivos. Esta maneira de pensar sempre foi motivadora, algumas destas pessoas que conheci compartilhavam ao menos algumas características deste modo de ver as coisas.



Exercício de aula - Identidade e pertencimento, 1º sem. 2018. Fonte: Arquivo pessoal.

Depois das séries iniciais, esta aura de filho de professor(a) esvaneceu-se, era como outra pessoa qualquer. Foi há pouco tempo que comecei a perceber a oportunidade que tive em nascer neste tipo de berço, a maneira como fui educado e o ponto de vista de onde eu estava, foram vitais para minha formação.

A maneira de lidar com as pessoas que acreditava ter aprendido a pouco, vem de muito tempo, da convivência que tive com professores, minha mãe e o olhar atento sobre os docentes que ia observando suas maneiras de falar, olhar, agir e se portar.

Hoje muitas atitudes vêm naturalmente. Posicionar-me de pé ao centro para uma explanação, falar em público, que mesmo sem me sentir totalmente à vontade ainda consigo expressar parte das minhas ideias. Outra característica que julgo importante é saber ouvir, ter paciência para considerar os diferentes pontos de vista, ser maleável como água.

Já na academia, deparei-me com algo totalmente estranho, a competição velada, pessoas desleais e egoístas sem papas na língua, consideração, ou humanidade, sem a perspectiva de um dia precisarem do outro, o mundo se mostrava por inteiro pra mim, não somente seu lado doce e macio, mas sim seu outro lado, o sombrio e cruel mundo adulto.

A conhecida humildade se tornou coisa rara no meio em que frequentava, prepotência, ignorância e indiferença estavam dando as caras, poucas pessoas ajudavam realmente, menos ainda tinham aquele brilho no olhar, aquela forma de ajudar sem receber nada em troca, e esses poucos eram alguns dos meus professores, e os ainda não colegas de licenciatura.

Ao meu ver, esta revisitação passou a ser importante para um futuro professor, embora acredite que a mais importante de todas seja a esperança, não qualquer esperança, mas a esperança nas pessoas.

Neste contexto consigo perceber agora o início da relação artista/professor onde a procura por sentidos na educação podem mesclarem-se com conteúdos artísticos geradores de múltiplas potências pedagógicas, tal como busco provocar com a pesquisa que desenvolvo.

Escolhas

Licenciatura: grau universitário que dá o direito de exercer o magistério do segundo segmento do ensino fundamental e do ensino médio. Observando com cuidado a respeito dos colegas das disciplinas de Licenciatura, foram estes alguns dos que proporcionaram convivências ímpares, educados, amigos, verdadeiros, tão humanos, quase sem exceções.

Penso que neste primeiro momento a licenciatura foi vista e pensada como uma possibilidade extra no mercado de trabalho, visto as dificuldades e exigências estabelecidas para profissionais da área das artes visuais, seja em qualidade do que é apresentado em portfólio, seja nos valores propostos e até mesmo na experiência implícita na concorrência de uma vaga. Como opção extra, foi esta a proposta de escolha desta carreira, como uma possibilidade a mais dentro do ramo artístico. Como filho de pedagoga pensei por um tempo sobre o assunto e as dúvidas que restaram sobre lecionar ou não caíram abaixo diante dos muitos incentivos familiares.

No primeiro semestre de 2012, tive contato com as teorias freireanas, comecei lentamente a absorver um certo gosto pelo ensino, ali, na classe, um mundo de outras possibilidades ia surgindo vagarosamente. Ggaratujas, janelas de aprendizado, inteligências múltiplas iam me cativando, até que de uma hora para a outra a vontade de fuga da licenciatura apareceu, um número exacerbado

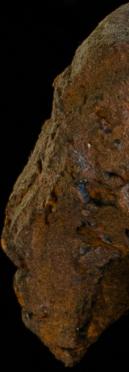
de matérias? A decepção com os educadores? Uma fase passageira? Consigo enumerar empecilhos os quais foram contribuintes no processo, porém explicar os motivos que me levaram a mudar a escolha do curso, não é tarefa fácil. Simplesmente não estava mais contente com a licenciatura.

Hoje, após algum tempo de atraso, firme e contente, mais maduro, observo colegas que se formaram, quando eu devia ter feito o mesmo, se tivesse continuado. Testemunho atentamente casos semelhantes, talvez o medo, o cansaço, é difícil dizer o que está levando colegas meus já em fim de curso a abdicar da licenciatura. Vendo de fora, e tendo em mente o primeiro motivo que tive para escolher o curso, não posso de maneira alguma impor minha visão, apenas pedir para repensar, e que repensem, afinal, o tempo realmente não volta, e as desistências, quando impulsivas podem vir a tornarem-se arrependimentos.

...

Nossas lembranças, por vezes, são o que preservamos de mais importante, o conjunto delas, e das experiências acumuladas através dos anos, fazem parte do que somos, refletindo muitas vezes na maneira como agimos e quando enfrentamos determinadas situações. A complexidade destas forças que coexistem e nos movimentam se tornou um campo fértil, onde, não casualmente, me deparo a observar atitudes, medos, reações e certezas tomadas diante de vivências e aprendizados que são experienciados no dia a dia.

Indagações que também se referem ao resultado plástico, a veracidade que determinadas situações fornecem a quem está disposto a captar esses momentos, muitos possuem características únicas e verdadeiras, inerentes ao corpo e a natureza humana, e na maioria dos casos reconhecíveis em lugares e culturas diferentes.





CAPÍTULO 2

QUEM PRODUZ QUEM?

Sem título - Terracota, 2014. Fonte: Arquivo pessoal.

Caminhando sem rumo, utilizando do tato, do olfato, em plena escuridão, escuridão engolfante, sufocante, tão densa e palpável quanto uma porção de piche. Deixei pedaços, histórias, deixei caminhos por seguir, sem vontade de ir adiante, sentei. Descansei por um minuto antes do furacão de mudanças elevar-me do chão sem nem ao menos avisar, perdi braços, olhos que não serviram-me de nada, perdi sonhos que construí quando adormeci. Perdi a força vital, perdi a forma, deixei de lado o medo, que também fazia parte de mim, perdi a vergonha, foi levada minha vontade de viver, fui levado inteiro, sem pele, sem ossos, e por último fiquei sem cor.

Foi experimentando, e não sem temor, que busquei dissolver minha claustrofóbica identidade, moldada num modo de existência que insiste em desqualificar o informe, o imprevisto, o incerto, o instável, o incalculável da vida. Exatamente com essas riquezas, consideradas refugio pela razão, procurei construir um abrigo existencial fluido, um espaço hospitaleiro aos meus estranhamentos, que cuidasse das transformações que vão se produzindo na subjetividade (PRECIOSA, 2010, p. 4)

Apenas seguir, sem nada sentir a não ser dor, sem poder gritar, sem boca para falar, só sensação, ar quente, de cozinhar, ou frio de gelar, mas não os ossos, estou sem eles, sou uma poça disforme, adaptando-me a cada rebarba e grão do solo embaixo de mim, sem saber onde é cima, lado, frente ou outra direção qualquer. Deixei para trás o som inaudível de uma voz rouca e baixa, mesmo ao ler pausadamente era inteligível.

Objeto arte

Afinal o poema, o objeto de arte em seus mais diferentes suportes, continuarão a vibrar, mesmo na ausência de quem os realizou (PRECIOSA, 2010, p. 19).



Da série 'Livro da vida' - Terracota, 2017. Fonte: Arquivo pessoal.

Desejo que a pintura então se liberte, assim como provei possível. Arte contida, aprisionada, sem poesia, amada, modelada, pois assim se deseja que a encomenda seja. Repenso, propondo-me a ser como o fora, novo, além do des-preparo. Retiro a forma, em meus desenhos retomo a forma, fujo, retorno, sem uma bússola da arte. É permitido sonhar?

E a obra? Aprisionada em um catálogo, concluída e, ainda assim, viva. Uma magnética forma autônoma, pulsando diante de nós. Presença que nos sugere um encontro singular, uma ocasião de se embarcar numa outra lógica, diagramar outros referenciais para si, [...] (PRECIOSA, 2010, p. 19).

Traço com mil linhas uma escultura negra, tomada de sentidos, embebida em meu lodo primordial, pegajoso, disforme, untando velozmente cada lacuna, volume ou protuberância que toca. Enche de tristeza lacônica, silenciosa, por vezes solitária ante seu próprio conjunto.

Não possível de torná-la disforme, a matéria constituída, o lodo, o barro, terracota, nascida sem lei, sem regra, aprisionada por mãos que paradoxalmente a libertam da forma nula, hoje torna-se clamor, rememorando uma visão senil composta por homem e máquina.

Esculturas negras, cheias, vazias, doídas, carregadas da ancestralidade não suportada em meu corpo, mas aqui, na matéria endurecida a fogo acha morada segura, ainda liberta a tempos se encontra aprisionada em casulo, emformada, endurecida em casca superficialmente moldada para conter o incontível.

Deveras negras em sua totalidade, cobrindo o barro igual e diferente a toda materialidade própria do barro, argila, terracota, ideia, desejo, obra. Igual, diferente em conteúdo e sentido.

Nasci antes do tempo, meses antes, cresci tardio, demorado, entre calma e lentidão percorri as mudanças ao redor, cheguei cedo para ter um olhar demorado. “Nascemos dotados de uma forma que irá desaparecer”(PRECIOSA, 2010, p. 46). Aos poucos fui transformando-me, aqui e acolá, colhendo sensações, me adaptando a situações, sendo surpreendido, agredido, acariciado, sendo

afetado pelo novo e inesperado, por fatores que ainda hoje me rodeiam, pois o sol queima, o frio ainda me congela.

Tentando conhecer-me, ainda me deparo com situações cotidianas as quais ainda falta alguma compreensão, será sempre esta incessante mudança?

Michel Foucault se perguntava: por que um pintor trabalharia, se não fosse para ser transformado por sua pintura? E por que alguém escreveria, poderíamos nos perguntar? (PRECIOSA, 2010, p. 9)

Ser transformado. Sina de quem está sempre a se produzir. O mundo como se apresenta, é estranho.

Neste movimento cheio de ondulações que transbordam e se revoltam entre tantas escolhas, vou tateando em um lodo repleto de incertezas, em constante vai e vem todos os dias. Respeitando opiniões, às vezes utilizando umas e outras, descambo a correr em um campo de orvalho quebradiço em uma manhã de julho, de corpo cansado e irritado diante das vozes que não cessam, sem o corpo, em pranto, tampando os ouvidos e percebendo o quanto: “A escuta de tantos o leva a desertar de uma forma dominante de si” (PRECIOSA, 2010, p. 40).

Por vezes uma calmaria toma conta do ar, sinto um prenúncio de tempestade, sem aviso ela vem. Revolvendo cada canto do meu abrigo, enchendo de água gelada meu cobertor, derrubando meus armários, arrancando meu teto.

Abro os olhos, sento na cama, respiro fundo, desenterro incertezas, essas que insistem em voltar. Livro-me do cansaço, seco as lágrimas, sigo em frente, desviando das pedras, juntando elas, jogando elas. Assim como Preciosa (2010, p. 36), “Continuo a vaziar discretamente pelas rachaduras de meu quarto, procurando inventar linhas desertoras que não cheguem a lugar nenhum monitorável.” Salto um riacho, porém quase nunca caio em pé, imagino como seria se tivesse poderes, se pudesse voar.

Voaria ao mundo dos sonhos, construiria uma morada da mais dura pedra, talvez assim nunca desabasse. Mas não tenho a ambição de um território meu, perambulo ao vento sem fixar morada.



Da série 'Livro da vida' - Terracota, 2017. Fonte: Arquivo pessoal.

Olho os móveis cheios de história, inspiro e revejo que sentido teria esta construção, se o que vale é mudar, deixar de ser o ontem, usar o hoje para ser o amanhã. Assim vejo-me cabisbaixo, pensativo, à espera de algo que não chega, penso em ser mutável, necessito ser, ou não mais serei.

Busquei identidade, busquei força, abrigo, busquei certezas, mas “[...] não sou mais eu mesmo como antes, fui arrebatado em um devir outro, levado para além de meus territórios existenciais familiares” (Guattari, 1998, p. 118 *apud* PRECIOSA, 2010, p. 26). Fui atrás de um teto, de um corpo único, mas o perdi, soltei-me desde então, desmantelado e desconstituído de junção agora percebo o quanto necessitava desapegar do físico, desmembrar-me, “Aliás, largar-se não só de si, como também perder a esperança de que algum dia possa reencontrar-se consigo mesmo. Casa alguma aguarda seu retorno” (PRECIOSA, 2010, p. 13). Negar que se é constituído de um corpo único mostra o aceite da multiplicidade, valida um sujeito que vai se produzindo como artista, pesquisador e professor.

Não há muitas certezas, como vamos nos tornando o que somos? O que sou se não algo em movimento, algo estranho, não sou o que já fui um dia, exposto como um nervo, grito por tudo que me machuca, por tudo que se aproxima, mas em silêncio tumular preciso estar, resistir, apenas mudar para continuar. “eu me lembro também que comecei a estranhar uma outra coisa: meu rosto. e depois foi a vez do nome, do pertencimento familiar. Como eu era mesmo?” (PRECIOSA, 2010, p. 48).

Estar em casa, sentir-se em outro lugar, estar na escola, sentir-se em qualquer lugar, em múltiplos lugares, é só saber para onde olhar. Mudar é estar disposto a mudança, a estar predisposto a experimentar o que é disparado nos encontros, talvez esta viagem não acabe tão cedo, quanto esperei.

Em toscos escritos fragmentados duvido do que a vida pode me dar, ou sou eu que devo conceder-lhe algo?

Parece que devo destinar a vida a viver, a ser moldado como esculturas, porém sempre moldado, sem nunca endurecer. Sem propósito definido ante as mudanças. Qual o sentido de abrir os olhos toda manhã? Não seria monótono pensar

que é “para desvencilhar da ideia de que a vida nos reserva um propósito, e cabe a cada um de nós desvelá-la” (PRECIOSA, 2010, p. 9).

Desvelar simplesmente? Pode ser que nada esteja escondido, não há de ser descoberto, mas sentido, vivido, esperando para ser tocado como um canto escondido no teto, só imaculado pela poeira onde nem os insetos arriscam perambular, oculto somente por sombras. O ar rarefeito insiste em desviar, deixando golfadas de um odor tênue e incerto, embora não escondido, apenas esquecido.

Sinto-me na pré disposição de “[...] desatolar a subjetividade das formas acabadas” (Deleuze/Conversações, p. 157 *apud* PRECIOSA, 2010, p. 9), sou disforme, sem rosto, sou nulo em todo lugar que passo, nem nome, nem história, inacabado e subjetivado, do início ao fim...não há fim, se transformo-me não tenho fim, mudo, hora movimento-me, hora permaneço estático sentindo a sensação das gotas orvalhadas neste pele colorida. Sinto-me esvaziado de esperança, como tal empanturro-me das que encontro ao redor.

Sinto transbordar uma necessidade de novos caminhos, não familiares, carregados de energia de onde possa me alimentar.

Uma subjetividade poeta se expõe ao mundo e agüenta o tranco. Não se protege de suas ininteligibilidades, nem fica abismado diante de seus inúmeros paradoxos. Vai misturando todos os ingredientes que recolhe em seu desitinerário a céu aberto e os devolve constelação de inventos (PRECIOSA, 2010, p. 19-20).

E assim continuo...

Fragmentos

Sinto-me fragmentado. Pedacos espalhados pelos cantos, em muitos lugares da cidade. Cada pedaço absorve sensações transeuntes onde se encontra. Um ruído, um tremor, um comentário, são partículas rizomáticas pulsando afe-

tos a todo instante, preenchendo-me de sensações ora desagradáveis, ora contemplativas, no entanto na maioria do tempo conflitantes. Estou na presença de

Um alguém produzindo-se, confabulando com o vivo, em permanente conexão com as paisagens do fora, capaz de ser habitado por uma população estranha a si mesmo, um ativador consciente de misturas tais que vai atraindo para si novas montagens de existência. Trata-se de alguém em empenhada transformação. Alguém aceso (PRECIOSA, 2010, p. 29).

Que não cessa de ondular como chama, sumir, reaparecer, pulsar ao aspirar e inspirar, desestruturar uma, duas vezes por segundo, se reformular em outra forma disforme, tornando a se espalhar como peças pela sala, em constante estranheza com o novo o qual se transformou. “Um sujeito é um receptáculo de formas, urna de devires, fabulador incansável de estados, rastreador de possíveis” (PRECIOSA, 2010, p. 45).

Inalterável insistência em respirar, crescer, pensar e cansar, cansar de lutar, de cair e levantar em multi cacos.

Dar a cara a tapa a uma subjetividade muitas vezes não entendida, fugida das leis, dos rótulos, que se constrói também a partir das experiências do fora, onde meu derradeiro desafio enquanto professor “é aprender a avançar com a fatal coragem de não saber o que esperar dos encontros” (PRECIOSA, 2010, p. 30).

Ser criança novamente, como nossos jovens estudantes, regredir a forma larvar de existir, remanejar as estruturas ósseas do adulto em busca de sensações que libertem outros entendimentos, desfazendo os nós, reatando, soltando, atendo as mudanças pelo caminho.

. . .

Objeto Máquina

O som de cada tecla, a força, o signo sentido ao digitar cada palavra, a mecanicidade existente no próprio ato, o cheiro de tinta que impregna as fitas, a viscosidade do óleo e de materiais metálicos, fundidos e desenvolvidos com precisão. O conjunto da máquina com um objetivo, potente para materializar desejos, seja na escrita ou no simples sonhar.

Como um instrumento musical, cada nota e cada letra perpassa o ar e nos atravessa, seguida por sua posterior, em um caminho em construção que só tem fim se assim desejarmos.

Às vezes, com inícios turbulentos, uma história começa a se formar, antes sem pé nem cabeça, vai se tornando aos poucos uma fábula, um conto, uma notícia possuidora de tristes palavras, uma carta íntima que trás consigo uma jóia que não poderia ter sido esquecida, dedicada a um amor que só é possível como narração fílmica, com final perfeito.

Além disso pode ser uma carta de demissão, uma mensagem de ódio, de cura, de salvação, um pedido de casamento, contendo declarações sinceras de amor, um verbo no infinitivo que não julga ou condena, mas que mesclado a nossos desejos toma forma em uma palavra chamada 'papel'.

Como invencionar através do objeto? O momento de postar-se a sua frente e criar, de codificar pensamentos com fome de construção, como um arquiteto que centímetro a centímetro planeja uma morada.

Sim, personalidade, mesclada à escrita tanto quanto possível, na carta, na mensagem com personalidade, traz satisfação, esta aproximação com minha escrita reverberou sobre outros modos e vias. Pessoal, simples ou rebuscadamente, serviu como autoconhecimento, procurou por caminhos de sonhos percorridos tortuosamente por uma estrada pouco iluminada, onde as incertezas da docência observavam-me com olhos atentos e brilhantes na escuridão. Pensando, um pouco mais, comecei a perceber desvios repletos de turbilhões.



Autoretrato, Fotografia. 2016. Fonte: Arquivo pessoal.

Indaguei-me do porquê desta fascinação por coisas antigas, e neste caso, a máquina de escrever que a algum tempo já foi substituída como ferramenta de escrita. Suas curvas, ângulos, brilhos e formas despertaram em mim uma sensação de liberdade, um fluxo contínuo entra e sai da máquina, uma vibração, uma paixão.

Ficou evidente então que, a máquina datilográfica serviu-me de gatilho, o montante de relações estabelecidas entre ferramenta e artista, ou seja a produção, as estratégias da pesquisa em arte e educação são resultantes do contato que tive com ela. Construída para atender a um propósito, como ferramenta do fazer, a primeira vista sem vida, a máquina talvez não consista em possibilitador sem um operador.

Valendo-se do mesmo tipo de relação, no entanto voltado a fotografia, a máquina fotográfica realiza o processo de captação da luz, o sensor ou o filme captam o que a lente “vê”, os raios incidem nos elementos, fixando a imagem, seja em prata ou armazenadas através de dados, captando sombras, aplicando valores e contrastes, graduando as texturas de acordo com o que foi configurado previamente. É outra forma de enxergar o mundo em fragmentos através de um mecanismo quase autônomo, que com o mínimo de erros mantém um registro quase exato do que nossa visão pode ver transmutada para duas dimensões, logo:

[...] a fotografia utiliza a máquina câmara e a força natural para executar imagens como trabalho industrial e utilizável. A máquina chamada ‘câmara’ substitui em grande parte a mão do homem, que se limita a vigiar e conduzir o processo de fabricação (das imagens). (FLORES, 2011, p. 24).

A autora instaura em si o processo fotográfico, trazendo a ‘máquina’ como personagem principal a executar o ato de fotografar, somos em sua visão vigias de um processo de fabricação. Vendo desta forma, o homem conduz a máquina criativamente para seus interesses. Relacionando com o uso da máquina datilográfica, ela de maneira semelhante assume o protagonismo do que é escrito,

sendo sujeito e máquina ambos geradores na formação da escrita.

Utilizo a câmera como disparadora a serviço da heterogeneidade dos pontos de vista entre os estudantes, respeitando os diferentes sujeitos e espaços. Ainda que acredite que neste caso sejamos muito mais do que vigias. Não obstante é o uso da imagem como dispositivo formador do próprio professor de artes visuais, a servir também para o uso na formação do estudante, pois como afirma Roseane Coelho:

Essa experiência tem feito uso da fotografia como dispositivo de ampliação da visibilidade do mundo, no caso escolar, das relações com os estudantes, crianças, jovens e adultos, bem como refletir o papel da imagem na contemporaneidade (COELHO, 2015, p. 329).

Acredito que através da fotografia e do retrato, posso juntamente aos grupos estudantis, crianças, jovens ou adultos operar de maneira a promover outras configurações do pensar e produzir esteticamente. Como Coelho (2015) penso nesta experiência fotográfica que potencializa o pesquisador/professor que deseja relacionar os conteúdos apresentados aos estudantes com o espaço ao seu redor, são possibilidades que vazam e respingam dentro e fora do espaço educativo, experienciando como eles interpretam todo tipo de realidade a que entram em contato. Neste contexto:

[...] o uso da fotografia como dispositivo é uma tentativa de possibilitar um olhar mais profundo ao ambiente, e de adentrar nesse labirinto de modo que possa inventar e reinventar desvios, imagens, gestos e mover-se nas malhas da temporalidade (COELHO, 2015, p. 330).

De forma semelhante, as relações que estabelecemos com as imagens na contemporaneidade se estendem para além do pátio da escola, permitindo relações outras em um ir e vir recheado de sentidos, o que permite também pontos

de vista muito pessoais, subjetivos, vasculhados nos porões resultantes de seus percursos construídos até então, é neste mote em que a arte pode ser convidada a dialogar com aquilo que é experienciado pelos estudantes, produzindo sentidos e intensificando suas relações.

Além do aspecto problematizador, a fotografia traz questionamentos sobre a natureza humana, funcionando ainda como um instrumento que auxilia na desconstrução das abordagens prontas, podendo restaurar caminhos que hora desmoronam, hora se solidificam, permitindo a retomada de um percurso como indivíduo que está sempre a se produzir.

Algo que pode ser de grande proveito, adicionando fôlego a discussão em aula, amparado pela potência da imagem como forma de pensar, relacionar e indagar, através de múltiplos pontos de vista, promovendo variadas formas de produção artística e docentes que trazem interesse ao estudante.

Para além desta abertura referente ao retrato fotográfico, também é plausível um desenvolvimento de concepções mutantes, de acordo com a produção de subjetividade e do que será retratado, seja por um olhar conceitual, seja por uma abordagem problematizadora. Acredito que tal abertura possibilita um questionamento a respeito da desconstrução do sujeito em sociedade.

CAPÍTULO 3

DAS FOTOS GRAFIAS

Desde muito cedo tive contato com a imagem, dos rabiscos em folhas amassadas de papel, das insinuações de formas pouco mais do que garatujas que serviram de amparo para meu interesse pelo desenho e pela pintura.

A forma do mundo a minha volta sempre me instigou. Contorno, reflexos, luzes, sombras ou a falta de tudo isto.

Minha família, em especial minha mãe, me incentivaram a seguir carreira com algo relacionado ao desenho e as demais formas de expressão artística. Pedagoga por formação, ela sabia da importância que este tipo de estímulo podia trazer a uma criança. Em muitos momentos ainda quando manter notas boas era minha única preocupação, junto a meus primos e amigos divertia-me muito produzindo personagens de histórias em quadrinhos, às quais ainda acompanho e que de várias formas me ajudaram a desenvolver meu olhar artístico.

A predileção pela fotografia nasceu pelo contato que tive com os álbuns da família, sempre bem guardados, e preservados até os dias de hoje, álbuns de casamento, nascimento, adolescência. Dispositivo que aguçava minha curiosidade acerca das pessoas presentes em cada evento retratado, a cada página de um álbum.

Meu pai fotografou eventos sociais em sua juventude, talvez por isso eu tenha imagéticos de câmeras e filmes, dentre outros equipamentos utilizados. O gatilho que despertou parte do meu interesse, surgiu quando meu pai estava organizando suas coisas e filtrando o que não usava mais por volta de 2013, eu havia acabado de ingressar no curso de Artes Visuais e estava frequentando o ateliê de pintura, meu pai então me entregou um livro sobre técnica da fotografia. Um livreto antigo, que ainda explicava coisas como DIN¹, e ASA². Fascinado, decidi que naquele momento a fotografia também seria meu meio de trabalho e estudo.

¹ DIN, termo estabelecido na Alemanha utilizado para definir a sensibilidade de superfícies fotossensíveis(filme fotográfico e sensores de imagem).

² ASA, padrão Americano de índice de exposição ou sensibilidade do filme semelhante a escala ISO.

A partir do contato com uma câmera digital portátil, me matriculei no ateliê de fotografia, dando seguimento aquilo que tanto intrigava-me, mergulhei profundamente nas técnicas, para de alguma forma compreender as poéticas da luz fazendo com que aquele conteúdo transbordasse, sendo lembrado a todo e qualquer lugar que eu estivesse.

Quais seus signos? Ainda procuro a razão, o ‘pulo do gato’, os conceitos que permeiam ao redor de uma boa fotografia. Desenvolver um trabalho relacionado a própria subjetividade, um meio tão único, detentor de uma apreensão tão forte com a realidade, estática, ainda que móvel, ainda que às vezes uma prisão para um sentimento registrado.

A caça por tais conceitos chega a um ponto crucial, onde de alguma maneira precisei elencar sem mais demora meus pontos focais, no caso o retrato como modalidade há muito conhecida principalmente na pintura. González (2011) discorre sobre as diferentes definições do que é pintura, numa abordagem mais sofisticada, toma a pintura como ramo da arte, que nos permite dividi-la em quatro tendências, o realismo, o impressionismo, a arte abstrata e o expressionismo, sendo que um predomínio de qualquer uma destas tendências caracterizará um estilo.

A fotografia num contexto histórico se originou da captação da imagem do objeto pela câmara escura, nascendo oficialmente em 1839, ano em que foi possível a fixação de uma imagem em uma superfície. O processo foi então apresentado ao governo francês, que convencido pelo valor do procedimento fotográfico por Louis Jacques Mandré Daguerre (1787-1851) o patentiou. O mundo todo pode dispor do invento e a fotografia passou a ser usada em diferentes áreas de atuação do homem, entre elas o universo da pintura, abrindo um universo sem limites para a engenhosidade humana (HACKING, 2012).

Janson (2009) refere-se à fotografia também como um meio artístico ligado a criatividade, pois por sua própria natureza necessariamente envolve o uso da imaginação. Meu interesse a respeito disso, se dá a partir do momento em



Sala de estudos, fotografia- 2017-Fonte: Arquivo pessoal.

que a fotografia inicialmente é geradora do meu processo criativo, auxiliado pela proximidade com o que vejo, e por sua abrangência de possibilidades no ensino das artes visuais.

Hoje as redes sociais reinam absolutas como meio de comunicação, imagens em movimento são postados quase instantaneamente em sites especializados, quanto nos transmitidos ao vivo, e as fotografias são tão rápidas quanto nestas redes.

Nossos jovens herdaram este imediatismo, cansam-se rapidamente se um assunto não for de seu interesse, é tudo muito veloz, e um professor despreparado fatalmente é subjugado por uma turba de comunicadores ávidos por ‘atualização’. Chegamos a outro fator que me desperta interesse:

Tão antigo quanto a própria fotografia, o autorretrato ganhou uma moderna roupagem nestes tempos de tecnologia digital e de relações mediadas pelas redes sociais - é o que convencionamos chamar de ‘selfie’ (BITTENCOURT, 2015, p. 72).

Este autorretrato moderno por assim dizer como se comporta quando postado na rede? E quanto às suas visualizações, ‘curtidas’? Quanto é o bastante? Podemos afirmar que além da roupa, também é necessário para ser popular na escola, estar por dentro da moda digital? Postar imagens de viagens, lugares diferentes, fazendo coisas diferentes do usual funciona como uma competição para saber quem é mais ‘aparentemente’ feliz. De maneira interessante, Coelho (2015) aborda as acessibilidades tecnológicas como algo benéfico do ponto de vista prático do processo investigativo do professor e paralelamente aplicável ao aprendizado do estudante, sendo assim:

Aproveitando a facilidade da fotografia digital, plenamente acessível em nosso tempo, incentivamos o ato de fotografar como modus operandi de investigar a realidade a que os estudantes estão inseridos, na tentativa de provocar-lhes estranhamento, interrupção, suspensão desse espaço

escolar que, liminarmente, é novo como função e, por outro lado, faz parte de seus mundos vividos em rememoração. A escolha vai na direção de promover possibilidades de outras experiências, outras temporalidades nesse tempo empobrecido e vazio de experiência, no qual estamos imersos (COELHO, 2015, p. 334).

Julgo talvez que não seja tão simples como menciono aqui este jogo de egos, onde postar a foto do mais ‘descolado’, o mais estudioso, o mais profissional, por alguns instantes massageie o ego inflado em uma tentativa falha, ou talvez vã, de alcançar um certo sucesso virtual na esperança de popularidade, na procura por aceitação em um determinado grupo. Felizmente o tema não se ancora somente nesse âmbito, rico em direções pode se ampliar em outras propostas de pesquisa, interesses que podem resultar em aulas diversificadas em tema e conteúdo.

Fotografar é um ato complexo que exige muito mais que o pressionar um botão em uma câmera de certa forma, apresentar mais de um ponto de vista aos estudantes faz aumentar a gama de possibilidades de abertura no campo criativo da fotografia. Fotografar algo supõe um trabalho prévio de enquadramento, escolha de ângulo, iluminação, escolha do plano, foco, dentre outros aspectos na organização de uma ideia a ser alimentada pelo processo criativo próprio deste ato poético. Se de todo tempo a pintura sempre teve seu lugar garantido nas artes visuais e que as técnicas precedentes ainda sejam do interesse de quem pinta, existem hoje novas formas de se trabalhar o retrato.

Coloco em aberto as possibilidades de trabalho com os estudantes no que diz respeito a forma como o retrato é visto por eles, não tanto em um viés de importância ou valor, mas voltado ao sentido em que existe tanta diversidade nas formas de produção quanto na forma em que pode ser visto e sentido. Da mesma maneira penso como eles vêem um retrato e quais relações podem surgir, a fotografia impressa e sua materialidade, a efemeridade da fotografia digital,



Exercício de aula, 1º Sem. 2017-Fonte: Arquivo pessoal

quais os elementos importantes para eles em uma fotografia, existem níveis de importância estabelecidos por eles? São inúmeras formas de abordagem.

Busco o diálogo constante com os estudantes dentro e fora dos espaços educativos sob a perspectiva da experiência visual de cada um, semelhante a forma como Paz e Oliveira instituem em seu projeto, 'Narrativas a partir da fotografia':

[...] ao iniciar a construção do meu projeto, procurei levar em consideração as experiências visuais dos educandos com os quais pretendia trabalhar. Objetivei construir conhecimentos em arte a partir das vivências que eles já tinham. Naquele momento, parti do pressuposto que a fotografia se faz presente no cotidiano da maioria das pessoas, seja em álbuns familiares, seja pelo fato de que divulgar fotos na 'rede' está no auge da vida dos internautas, e que estas imagens atravessam nossos modos de subjetivação, construindo e reconstruindo nossas histórias (PAZ; OLIVEIRA, 2013, p. 35).

Penso na possibilidade de convidar os educandos a pensar de formas diferentes, pensar fora da caixa, extravasando o contexto em que foi feita a fotografia, desconstruindo contextos, fazendo outras relações, possibilitando outros diálogos, desta maneira observando como a fotografia se comporta como viabilidade artística.

Fotografia e solidão

Essa relação que tenho com a fotografia é solitária. Procurar em meio a técnica, ao enquadramento, preocupado com a luz certa, atrás da composição considerada acertada, parece-me um ato de dor, talvez seja, um ato de busca em meio a uma selva de espinhos pela satisfação de se aproximar de um resultado próximo a de algum fotógrafo famoso, um desejo de tornar-me reconhecido, esse desejo contrói uma prática solitária.

Poucos foram os momentos em que a fotografia se mostrou desafiadora, a não ser nos aspectos poéticos, a busca por respostas, por retratos intrigantes, às vezes pelo vazio, se fazendo ausente em uma procura tenaz em meio a vida cotidiana. Geralmente uma composição isolada, um personagem central a realizar uma ação, quase disforme na periferia compositiva. Na busca por formas que pareciam incomuns, pela presença vívida no olhar dos estudantes, sinto-me como um vampiro a me alimentar da vontade de viver e da energia vital deles, absorvendo um propósito, um fio de esperança futura, de mudança, de renovação.

É tão solitário quanto nascer sozinho, sem amigos, não, apenas um amigo, a câmera, apenas um inimigo, o tempo.

A procura pela relação da fotografia com o retrato, o conceito de produção de subjetividade, ou a serenidade da captura dos meus objetos, fazem sentido quando parece cíclica, hora perto do objetivo, ora demasiado distante.

Sigo incansável atrás de um objetivo, seja ele qualquer, talvez atrás de uma independência de referências subjetivas, autônomo do sistema, capaz de ser singular em meio a iminente formação.



Diário da prática pedagógica, 2º Sem. 2017-Fonte: Arquivo pessoal.

Sobre o retrato

Como o retrato pode ser vivenciado em relação ao olhar estrangeiro? De que forma o retrato atual e suas características se constroem e se modificam no ambiente escolar? O retrato é construído para si mesmo, e ou para outros terem uma visão sobre o que desejamos parecer?

Estas questões são algumas das quais fervilham e inquietam-me na contemporaneidade, cabe ao pesquisador ser ativo e explorar curiosamente as implicações do retrato e o que ele possibilita em questão de ser quem se quer ser, também no que se refere a desconstrução da figura ideal, na elaboração de um ser pensante, que dialoga com as implicações do cotidiano.

Procuro ideias, interpretações, opiniões em relação ao mundo que nos cerca com concepções múltiplas das formas estéticas deste tempo. Desta maneira encontro a arte como potencializadora no processo de desenvolvimento não só do professor/artista/pesquisador, mas dos estudantes como participantes do processo, diante das expectativas trazidas dia a dia.

Assim como um veio da arte, procuro no retrato encontrar um caminho, dentre tantos apresentados, fluídos, distantes e misteriosos, um campo aberto gerador de inquietudes, mesmo que para isto necessite estar repensando a todo momento sobre o porquê da escolha do meu tema e da estética que me faz vibrar. Procura infundável por respostas nesta inconstância disforme renascida diariamente.

Podemos dar atenção ao modo como a imagem é capaz de alterar o caráter de uma informação, em um sentido mais amplo, como enxergamos o mundo através dela, ou como por vezes somos afetados por ela, no ver e no captar. Hoje, a imagem e o retrato pelo ângulo da fotografia se disseminaram, em uma visualidade captada através das lentes da câmera, seja como estritamente documental e informativo ou de forma artística vem se tornando de certa forma banal, no entanto poderosíssima como meio de comunicação.

De fato, a velocidade com que uma notícia se propaga pelos meios digitais faz referência ao que alguns fotógrafos presumiam sobre os limites da máquina em muito superarem as capacidades perceptivas do olho humano, cabe



Sangue, suor e fogo. Óleo sobre tela, 2014-Fonte: Arquivo pessoal.

Camargo/14



Diário da prática pedagógica, 1^ª Sem.
2017-Fonte: Arquivo pessoal

experimentar a perspectiva ilusória do ver e não ver um indivíduo, como exemplo:

O culto do futuro (de uma visão cada vez mais rápida) alterna com o desejo de voltar a um passado mais puro e mais artesanal quando as imagens ainda tinham um atributo de manufatura, uma aura (SONTAG, 1977, p. 72).

Nota-se como a visão (fotográfica) vem se tornando cada vez mais veloz, e por conseqüência superando os limites perceptivos do ser humano. Tão poderosa é a capacidade de tornar estático um momento que sua utilização se deu nos mais variados meios. O conhecido pintor

Edgar Degas, que nasceu quase simultaneamente com a invenção da fotografia, utilizou extensivamente essa tecnologia, não apenas para estudar o comportamento da luz, que ele traduzia em técnica impressionista, mas também em suas esculturas, para congelar corpos em movimento com o mesmo frescor com que o fazia o rapidíssimo obturador da câmara (MACHADO, 2015, p. 2).

Neste ponto voltamos nossos olhos a analogia que Sontag (1977) faz da fotografia com a pintura no aspecto da aura, nos mostrando que a fotografia possui presença, e também autenticidade, no entanto o fator que ressalto aqui desta diferença em relação as auras é que o tempo age contra a pintura, mas em favor de uma fotografia, tal qual quanto mais antiga, mais valiosa sua estética, e após um determinado tempo de existência, até mesmo uma fotografia que não teve intenção artística é passível de adquirir aura, e artisticidade, segundo Sontag (1977).

Como advindo de um ateliê de pintura, não posso deixar de trazer ao diálogo o quanto uma pintura pode conter tal atributo, o valor estético presente no aspecto físico, plástico, e até mesmo no odor e na materialidade de certos trabalhos. Percebo se equipararem a certas fotografias, tanto dentro quanto fora de museus, os quais podemos identificar como os principais artífices das obras de hoje.

No entanto, pode-se dizer que aqui mora o interesse da questão que trata de como um objeto se configura uma obra e quem a delega. Hoje, tal decisão é proferida em um complexo processo por figuras como

[...] o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, quer dizer, locais que também dão estatuto de arte a um objeto (COLI, 1995, p. 10-11)

Segundo Janson (2009) não é possível chegar a uma conclusão definitiva do que é a arte. Pode ser interpretada como um impulso do homem de recriar seu ambiente, seja como ideal ou comunicando algo de modo que só ele pode, criando novas formas de ver e de se expressar. Concordo nos aspectos interpretativos do autor, como também de que não se consegue uma concepção exata do que é arte.

Acredito que a elaboração de um conceito de Arte além de extensa, creio não ser possível de maneira definitiva. Assim como Coli descreve, [...] o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai (1995, p. 11).

Isso condiz com o fato da cultura estar em constante mudança, assim como as concepções artísticas que a seguem. É correto afirmar que:

Os discursos que determinam o estatuto da arte e o valor de um objeto artístico são de outra natureza, mais complexa, mais arbitrária que o julgamento puramente técnico. São tantos os fatores em jogo e tão diversos, que cada discurso pode tomar seu caminho (COLI, 1995, p. 17).

Penso que a arte em meio a toda esta discussão seja um produto da necessidade do ser humano de transformar, criar, refletir, dentre tantas outras maneiras do fazer artístico. Se a definição de arte parece difícil, a realização poética é o caminho através do qual o artista elabora um trabalho consciente atravessado pela condição de criação que lhe é própria.



13° suspiro. Óleo sobre tela, 2014-Fonte: Arquivo pessoal.

Neste caso, o valor de um objeto de arte, tanto quanto sua legitimação fogem das mãos do artista, muito é de aporte cultural, mas principalmente o que regra tal funcionamento, aliás também o do mercado de arte são seus negociadores, críticos e galeristas.

Com estes exemplos, colhidos um pouco ao acaso, já podemos chegar a uma constatação deprimente: a autoridade institucional do discurso competente é forte, mas inconsistente e contraditória, e não nos permite segurança no interior do universo das artes (COLI, 1995, p. 21-22).

Deveras tumultuada, competitiva, insegura e dinâmica, porém potente como meio de expressão, a esfera artística traz a possibilidade de chegar a lugares que de outras formas não seriam possíveis. Através da pintura, fotografia, escultura e do objeto arte busco um horizonte munido de incertezas, maleável tanto quanto as adversidades exigem, um lugar qualquer onde tais produções possam produzir atravessamentos, afetos e sentidos a quem possa ser.

Artefato

A grande dúvida aqui é a de como tratar um objeto como forma artística que possa mediar a relação do estudante com o meio artístico. Acima disto, mediar meu trabalho de ensino/arte/pesquisa.

Assim é válido iniciar com a indagação: O que faz um objeto ser arte?

Em meu contexto seria pertinente afirmar que sua legitimação como objeto artístico se dá a partir do momento em que é reconhecido como obra, seja por estar em um museu, ou inserido em um contexto que o torne arte. Estabelecendo um referencial, fica claro que:

A crítica, portanto, tem o poder não só de atribuir o estatuto de arte a um objeto, mas de o classificar numa ordem de excelências, segundo critérios próprios. Existe mesmo uma noção em nossa cultura, que designa a posição máxima de uma obra de arte nessa ordem: o conceito de obra-prima (COLI, 1995, p. 14).

Esta investigação pode propor a reflexão do gênero objeto arte primeiramente e também acerca da importância ou não da manufatura artística, ou seja, do gesto do artista na produção da obra de arte.

O fazer artístico está expandido e o uso de objetos artísticos gera outras questões. Os objetos, nesse caso o uso de diários visuais os quais aqui considero como objeto de arte, consiste em dar um outro sentido a objetos outrora designados a outras funções, e que não o fazem mais hoje em nossa sociedade contemporânea como um dia o fizeram. A máquina datilográfica entra como elemento visual de ligação, do que passou e do que ainda está por vir, me permitindo ser atravessado por afetos.

Onde é possível visualizar um processo no uso de objetos em diários? O processo artístico? Em outro caso o processo de formação do professor pode ser vivenciado? Por conseguinte:

O professor imprime no seu diário a sua forma de escrita, imagens que seleciona para dialogar com o vivido, as falas dos seus alunos, aquilo que gostaria de ter feito ou dito. É uma forma de provocar a reflexão e um conhecimento mais amplo sobre nós mesmos e sobre nossa maneira de atuar no espaço pedagógico (OLIVEIRA, 2011, p. 184).

O objeto diário [Máquina datilográfica] torna-se subjetivo, agente de transformação em caos, provoca, exprime, transforma e vira ato na perspectiva de cada um. A própria recuperação da máquina datilográfica foi um processo que percorri com um certo gosto pelo desconhecido, sem saber ao certo o caminho a seguir, sendo surpreendido e deparando-me com mundos de facetas estranhas. Um processo de mudança, de limpeza e manutenção, com pintura e lubrificação, além do reparo de peças já velhas, um processo revitalização.

A escolha da cor foi um momento marcante, dentre as possibilidades estavam o vermelho, revoltante, impetuoso e enérgico, o verde claro, calmante, mas também doente outrora, regenerativo. A escolha do negro não foi casual, sem possibilidade de fuga, o abracei, forte, sem volta, sem medo. Remetendo ao luto nas culturas ocidentais, a minha pele, fosco como o couro moscado e sem brilho, tão renegado, e por tanto tempo, agora com lugar de destaque em meu trabalho, símbolo, signo, potência.



Sem título. Fotografia, 2014-Fonte: Arquivo pessoal.

Talvez essa importância que proponho a este objeto cheio de sentidos possa de alguma maneira ser relacionado a outros tipos de objeto, quase fetiches de seus criadores, como um dos mais marcantes artistas a trabalhar com objetos é válido citar Marcel Duchamp e seus ready-mades, portanto

[...] a atitude de Duchamp era, por volta de 1915, baseada no princípio da provocação. O que chamava ready-made (objetos fabricados em série, mas desviados das funções primitivas pela sua instalação numa galeria, num museu), os mictórios, porta garrafas, rodas de bicicleta que ele impõe ao público culto, obrigam esse mesmo público a reconhecer que um objeto só é artístico porque foi aceito como tal pelas diversas 'competências': pelo museu, pelo crítico, pelo historiador (COLI, 1995, p. 67-68).

Marcel Duchamp, antes pintor, iniciou a inserção dos seus objetos a partir de 1913, quando se deu conta que a pintura já não era uma linguagem que servia a seus propósitos. Tais objetos, os *ready-mades* eram geralmente objetos já pré-fabricados e às vezes com a adição de detalhes que saíam de seu contexto e tornavam-se obras de arte pelas mãos do artista. De certa forma:

O que faz, portanto, um verdadeiro criador, em vez de simplesmente submeter-se às determinações do aparato técnico, é subverter continuamente a função da máquina ou do programa de que ele se utiliza, é manejá-los no sentido contrário de sua produtividade programada. Talvez até se possa dizer que um dos papéis mais importantes da arte numa sociedade tecnocrática seja justamente a recusa sistemática de submeter-se à lógica dos instrumentos de trabalho, ou de cumprir o projeto industrial das máquinas semióticas, reinventando, em contrapartida, as suas funções e finalidades. Longe de deixar-se escravizar por uma norma, por um modo estandardizado de comunicar, obras realmente fundantes na verdade reinventam a maneira de se apropriar de uma tecnologia (MACHADO, 2015, p. 5).

Observando com atenção, a subversão da função da máquina, ou objeto, é característica de nossa sociedade contemporânea pautada no avanço tecnológico, reinventando a função pré estabelecida, segue em vias tempestuosas, tal relação de apropriação acaba desmistificando o culto determinado ao objeto de arte, assim:

Compreendemos então o interesse da atitude de Duchamp dentro do domínio da arte: crítica à atitude solenemente 'cultu' que nossa civilização confere ao contato com o objeto artístico; denúncia do aspecto convencional da atribuição do estatuto de arte pelos instrumentos da cultura; criação de uma antiarte. Mas, supremo poder desses instrumentos culturais, os objetos de Duchamp, que deveriam ser apenas testemunhos de um gesto de questionamento, conservados em museu adquirem efetivamente o estatuto de arte (COLI, 1995, p. 68).

Um tiro que saiu pela culatra? Foi mais do que seu criador poderia imaginar. A mudança de paradigma da arte se estabeleceu curiosamente sendo arte instituídas pelas instituições que outrora foram atacadas pelos mesmos, em prol da 'antiarte'. Posso vislumbrar neste momento como

[...] os objetos artísticos mudaram ou modificaram seus estatutos, funções, sentidos. A máscara africana deixou de ser, para nós, instrumento mágico, é arte; o cartaz publicitário já não é instrumento de venda, é arte; a imagem do santo perdeu a sua função religiosa, é arte (COLI, 1995, p. 69).

No que diz respeito à sala de aula, quais seriam os pontos que chamam a atenção dos estudantes em relação aos objetos considerados artísticos? Ou indagar sobre as obras, no caso da máquina de escrever, seria apenas uma máquina de escrever, ou seguiria escrevendo, mas sem sua função inicial de trabalho? Estaria agora trabalhando em prol da arte?

Quais possibilidades podemos perceber nesse contexto? Que produções de sentidos podem ser estabelecidas ao nos relacionar com esse objeto? O que essa obra pode instigar a pensar? O que reverbera nesta relação?

As impressões decorrentes da mestiçagem de objeto e arte implicam em ir além da retirada do objeto de seu meio habitual e da manualidade introduzida nele, mesmo que sutilmente, mas buscando uma condição, uma linguagem que invoque um questionamento de viés contemporâneo e válido seja no espectador, seja no estudante em questão.

Neste quesito talvez a imagem do objeto, em meio às adições fotográficas, escritas e desenhadas em uma disposição propriamente provida de volume, fuja do âmbito da efemeridade material, deixando o vago, o que somente é visível em silhueta como responsáveis ao que nos foge aos olhos.

A importância do conteúdo de cada envelope é vital para o enlace do entendimento sobre o que estou desenvolvendo. Longe a vista, seu conteúdo se transforma, é mutante a nossa percepção, até que torna-se estático e legível no exato momento da sua abertura.

O toque incomum, a presença da manufatura na aparência do suporte escrito, o próprio tom do papel tende a sugerir um momento atrás, anterior ao agora, simulando um papel



Violeiro. Óleo sobre tela-
2014-Fonte: Arquivo pessoal.

antigo provido de certo valor emocional, de afeto, de saudade, de lembranças más e boas, que em conjunto produzem um mosaico de sentimentos e objetos ímpares permeados de segredos e revelações, que somados apresentam de certa forma a atmosfera bucólica que busquei quando produzi tais escritos, um resgate do que um dia fui, e do que serei.

Janson (2009, p. 7) se refere a Arte como um diálogo visual por expressar a imaginação do seu criador como se ele estivesse falando com o espectador, embora a obra em si não fale. Corroboro esta expressão, que de forma mais fragmentada se aproxima do que desenvolvo em minha pesquisa artística, no caso unindo a fotografia, a pintura, e a escultura.

Pintar é um ato que exige muito mais que a aplicação de tinta na superfície de uma tela branca. Abordar o espaço imaculado da tela branca supõe um trabalho prévio, objetivo, referente à organização do material necessário, na organização de uma ideia a ser alimentada pelo processo criativo próprio deste ato poético. Se de todo tempo a pintura sempre teve seu lugar garantido nas artes visuais e que as técnicas precedentes ainda sejam do interesse de quem pinta em tela, existem hoje novas formas de se trabalhar a pintura, entre elas, a que nos leva a manipular as mídias digitais. Neste contexto,

A artemídia, como qualquer arte fortemente determinada pela mediação técnica, coloca o artista diante do desafio permanente de, ao mesmo tempo em que se abre às formas de produzir do presente, contrapor-se também ao determinismo tecnológico, recusar o projeto industrial já embutido nas máquinas e aparelhos, evitando assim que sua obra resulte simplesmente num endosso dos objetivos de produtividade da sociedade tecnológica (MACHADO, 2015, p. 6).

A arte vem sendo desenvolvida pelas mãos de pessoas que em suas épocas eram contemporâneas, vanguardistas, muitas vezes. Porém, um dado interessante é que elas foram produzidas com tecnologia, e de ponta, tanto quanto possível. Pode-se dizer que caminho em uma tentativa de seguir produzindo arte hoje, unindo técnica de um passado remoto, como a própria tinta, juntamente

com todos os seus aparatos de produção, há um “moderno” conjunto de ferramentas, umas muito, outras nem tão tecnológicas, não só físicas mas também teóricas, de produção da arte. Sendo assim:

Se toda arte é feita com os meios de seu tempo, as artes eletrônicas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidades e saberes do homem da virada do terceiro milênio (MACHADO, 2015, p. 2).

O processo na fotografia e na pintura vem se desenvolvendo desde 2012. Inicialmente a produção era puramente baseada na pintura, os estudos de luz eram superficialmente aplicados em uma superfície preparada com tinta acrílica branca, em recortes de algodão cru, de trama grossa o qual me possibilitava um andar mais gestual, garantindo a movimentação rápida e marcante devido ao suporte mais firme.

A busca por um resultado mais expressivo, junto ao tema do lanceiro negro e das danças regionais gaúchas se mostrou difícil e tortuoso, mesmo apreciando a rapidez da execução com a tinta ainda fresca, valendo-se das camadas sucessivas de emplastos, em alguns casos o resultado carecia ainda de alguma base sólida, como no trabalho *Marcação*, de 2014, onde os planos são rasos, ainda que forçadamente ilusório devido ao arco ogival simulando primeiro e segundos planos.



Marcação, Óleo sobre tela, 2014. Fonte: Arquivo pessoal.

A pintura de forma mais livre e direta forneceu-me suporte criativo, no entanto, a característica realística que eu tanto prezava, mesmo sem saber o porquê ainda estava ausente. Não foi possível dar continuidade às características que provavelmente a valorizavam, como o relevo da tinta, a aplicação de cores de forma mais rápida e gestual.

No entanto, é presunçoso dizer que recebi influência de um ou outro estilo, pois:

Falando de arte, referimo-nos a impressionismo, surrealismo, romantismo, rococó, a um estilo cretense, helenístico ou egípcio. Na maior parte das vezes, atribuímos a essas palavras um poder excessivo: o de encarnarem uma espécie de essência à qual a obra se refere. De que estilo é tal pintor? Enquanto não colamos uma etiqueta em cima, não sossegamos: é hiper-realista, é abstracionista, é impressionista, é surrealista. Isso nos tranqüiliza, pois supomos conhecer o essencial sobre a obra; supomos saber o que significam as classificações, e que a obra corresponde a uma delas (COLI, 1995, p. 29).

A escolha temática gerou formas diferentes de tratar a pintura. As tentativas de transmitir a carga dramática que sentia para as pinceladas, conduziram-me por diversas noites em meio aos pincéis. A pintura, aos poucos tornou-se bruta, o clima pesado acentuava a frustração retratada na imagem, no processo de construção da tela noto o turbilhão de emoção impostas sobre o suporte. Resquílios de lamentos imutáveis que ainda vagavam disformes em cada ato.

Buscando trazer ao trabalho tais lamentos e implicações, na época não percebi a receptividade do mercado a este tipo de representação, julguei não agradável, diante do tipo de sentimento implícito usado para desenvolver tal tipo de trabalho. Semelhante a escultura, o trabalho em tinta óleo era ruidoso, sentimental e dotado de uma carga emocional que talvez ainda não estivesse pronto a assumir, mesmo colhendo as borbulhas vindas a tona, tanto quanto mais quanto eu remexia nesta água parada.

Neste sentido, ainda míope em relação as escolhas, procurei outras formas de chegar rapidamente ao realismo da figura humana, importando-me menos com o tema e mais com a pintura em seus aspectos técnicos de transparência, viscosidade, textura dentre outros. Neste momento surgiu a procura dos primeiros conceitos que tentei desenvolver, como a identidade, e o que mais tarde foi sendo substituída pela produção de subjetividade.

O que desenvolvia de forma a como eu sentia e vivia no mundo potencializou diversas maneiras de recriar-me, incessantemente, diferente do que pensava estar tentando produzir quando em procura de uma identidade, uma resposta única diante de um mundo múltiplo de 'ES'.



CAPÍTULO 4



Kelly J. Pfüller. Óleo sobre tela,
2015-Fonte: Arquivo pessoal.

O QUE
PRODUZ
O QUE?

Produção de subjetividade

Como todo processo investigativo deparei-me com questões que giravam fora da esfera do que estava comumente em contato. O estar próximo a um gesto criativo intrigou-me de tal forma que necessitava perscrutar por algum indício de como o processo todo funcionava.

Produzir arte, produzir em meio a docência, pesquisando de forma que o que sou fosse tomado por uma força maior de procura por um resquício de explicação neste caótico produzir. Busquei em objetos, em sujeitos, familiares, no entanto nada foi satisfatório, a passos lentos desbravei caminho em um floresta densa, espinhosa, escura. Nada fora do comum até então, foi quando já atordoado e entediado compreendi que a causa, o motivo, talvez não estivesse dentro de mim, e como o vento que tomo como “[...] forças do mundo em sua irredutibilidade [...]” (ROLNIK, 2014, p. 11), agem como forças tempestuosas que arrebatam-me repentinamente de lugares cômodos, de territórios “firmes”. Evito os deslocamentos, em vão agarro-me a falsas certezas, acordo com Preciosa (2010, p. 75) quando ela afirma que “evitamos qualquer situação que nos arranque desse lugar estável no mundo que acreditamos possuir.”

Às vezes sinto-me em território seguro, calmo, confortável, que logo levanta vôo em um céu cinza, invadido por gotas, respingos de tudo a volta, em momentos passageiros, rápidos, logo estou ao solo novamente, aguardando o próximo tufão que sempre chega, mesmo que se prenda a respiração e tente parar o tempo.

Estar em um constante produzir-se é incômodo, um trocar de pele incessante, sem nunca estar pronto, perambular ao vento em meio ao frio cortante, no entanto “o vento é ira, ira é vida” (Clarice Lispector, Onde estivestes de Noite, p. 99 *apud* PRECIOSA, 2010, p. 74), é imperativo, estar ao vento, é necessário para quem está a se produzir.

Como problema principal tento entender, ao menos em parcialidade, o porquê destes arrebatamentos e o sentimento de mal estar que paira por vezes gerando problemáticas, as quais me motivam entre tantos temas e inquietações a produzir.

O que seria essa subjetividade, esta maneira de se relacionar com o mundo ao seu redor, como ela é produzida? Seus meios e fins.

Investigando pelo aspecto artístico, e sendo um produtor na contemporaneidade, consigo me aproximar de um entendimento prévio da arte no contemporâneo, pois a arte produzida neste momento

[...] passa a trabalhar qualquer matéria do mundo e nele interferir diretamente, explicita-se de modo mais contundente que a arte é uma prática de problematização: decifração de signos, produção de sentido, criação de mundos. [...] O mundo liberta-se de um olhar que o reduz às suas formas constituídas e sua representação, para oferecer-se como matéria trabalhada pela vida enquanto potência de variação e, portanto, matéria em processo de arranjo de novas composições e engendramento de novas formas. [...] A arte é portanto uma prática de experimentação que participa da transformação do mundo. Fica mais explícito que a arte não se reduz ao objeto que resulta de sua prática, mas ela é essa prática como um todo: prática estética que abraça a vida como potência de criação em diferentes meios onde ela opera (ROLNIK, 2002 p. 4).

Fica claro que Rolnik (2002) encara neste momento uma obra artística como potência problematizadora, até mesmo com capacidade de produzir mundos, de criá-los. Uma fotografia, uma pintura, uma instalação são possuidores em potencial de mudança, porém

Para que o objeto ganhe sentido, é preciso que o espectador se exponha ele também àquilo que o objeto encarna (um certo condensado de signos) e por ele seja afetado, tal como aconteceu com o artista no momento de criá-lo. A obra se completa quando um sentido é concebido pelo espectador a partir das sensações mobilizadas por esse encontro em sua subjetividade. Um sentido necessariamente singular (ROLNIK, 2002, p. 5).

Ocorrendo tal interação, torna-se possível o encontro, e então o mundo, meu mundo, ou o do espectador se liberta de algo já pré suposto anteriormente e retorna como potência produtora de novas formas, olhares e arranjos. O momento de virada aconteceu quando compreendi que a arte pode transformar mundos, possuir poder de talvez este suplantar um sistema de produção de subjetividade já instaurado, se não, ao menos entender quais disparadores podem fazer sentido para a criação artística, e para a docência.

Sujeito e Subjetividade

Falta-nos entender agora o que seria então esta produção de subjetividade. Partindo de um pressuposto que o sujeito, para Rolnik; Guattari (2010, p. 39), torna-se “agenciamento coletivo de enunciação”, podemos dizer que “a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação” (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 39). Tal concepção de sujeito como agenciamento coletivo de enunciação pode corroborar com o que SOARES (2009) concebe a respeito disso, para ele

O sujeito é, pois, tão somente duração, persistência no tempo de um conjunto de afirmações e crenças decorrentes dos hábitos que qualificam o indivíduo e lhe conferem não “a identidade”, mas “uma identidade”, por definição provisória, que será passível de mudança tão logo mudem as experiências que conformam seus hábitos (SOARES, 2009).

Penso nesta concepção como sendo o suficiente para vislumbrar um sujeito que é um conjunto de afirmações e crenças, isto é, um indivíduo que é temporário segundo seus hábitos e logo “passível de mudança” dependendo das experiências diferentes a qual tem contato. Então temos aqui “[...] sujeitos que se constituem na experiência social, em seus trajetos singulares na sua família, escola, na rua, no seu corpo, na caserna, no escritório, etc (SOARES, 2009).

Afetados pelos variados contatos e meios em que transita, me constituo sujeito por minhas experiências.

Seguindo o raciocínio de Soares (2009), a subjetividade é “[...] essa relação de si consigo mesmo e com as outras coisas do mundo, os modos de existir [...]”, prosseguindo, “Chegamos então a uma definição provisória do o que estamos chamando aqui de subjetividade: tudo aquilo que concorre para a produção de um ‘si’, um modo de existir, um estilo de existência” (SOARES, 2009). De forma semelhante, Rolnik (2016)³ afirma que “a subjetividade é um processo contínuo, não é metamorfose, subjetividade resulta de um processo da experiência do mundo em mim.”

Este me parece o termo mais acertado acerca da maneira como experencio a subjetividade, como “um processo da experiência do mundo em mim” (ROLNIK, 2016).

O sujeito é temporário, uma construção efêmera, e podemos encarar a subjetividade como “um modo de existir”, uma “relação com outras coisas do mundo”. Aproximando-nos do ponto onde quero chegar, precisamos saber quem produz essa subjetividade, sou fruto de uma singularização e esta singularização me torna consciente do processo criativo, o qual tratarei mais adiante.

Sociedade de produção

Ainda que sujeito momentâneo, sou permanente o suficiente para perceber a concepção do que possa se assemelhar a um sistema de funcionamento geral de dominância econômico social, se encaixando no que seria um sistema maquínico, “as máquinas, no sentido lato (isto é, não só as máquinas técnicas, mas também as máquinas teóricas, sociais, estéticas, etc.) [...]” podendo ser “[...] uma máquina social, uma máquina de formação, uma máquina de pesquisa, uma máquina comercial, etc” (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 385).

³ Link da entrevista: <<https://www.youtube.com/watch?v=QNrXkFWtL2s&xt=9s>>.

Poderíamos simplesmente relacionar este sistema como o sistema de sociedade capitalista, no entanto Rolnik; Guattari (2010) se referem a um sistema capitalístico, produtor de uma subjetividade, esta “[...] de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 33). Ou seja, entendo que “[...] em toda sociedade, há uma produção subjetiva que acaba oferecendo um gabarito a demandar respostas corretas de cada modo ser de seus sujeitos” (CARVALHO, 2014, p. 5).

Seguindo este raciocínio nossa sociedade agora vista como capitalística tende a manter através desta subjetivação o status quo das relações de poder “[...] entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instituições psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (Guattari, 1995, p. 35 *apud* CARVALHO, 2014, p. 8).

Entendendo as relações constituintes deste sistema de consumo capitalístico e percebendo o nível “[...] de controle social, através da produção da subjetividade em escala planetária” (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 54) a que estamos sendo submetidos diariamente por meio das mídias de comunicação, busquei formas de escapar deste controle de massa, como professor, artista e pesquisador.

Compreendo a importância de uma certa autonomia seja em como me produzo enquanto a/r/tógrafo de maneira criativa, seja em como os estudantes vivenciam suas experiências, pois “é desde a infância que se instaura a máquina de produção de subjetividade capitalística, desde a entrada da criança no mundo das línguas dominantes [...] (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 49). Não permito manter-me em estado inerte diante destes produtores de subjetividade “[...] que impedem que se de conta dos processos de singularização. Toda criatividade no campo social e tecnológico tende a ser esmagada” (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 48).

Singularização criativa

Ter a criatividade “esmagada” vai totalmente contra aos princípios de autonomia, livre arbítrio e multiplicidade a qual prezo. A saída encontrada foi a singularização, fica entendido que

O que vai caracterizar um processo de singularização [...] é que ele é automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global [...] (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 55).

Rolnik e Guattari (2010) discorrem sobre o processo de singularização em um movimento que posso categorizar como uma possibilidade libertadora, em meio as tempestades imparáveis que vivencio, encontrar uma chance de habitar um território seguro, silencioso, mesmo que temporário alivia a angústia de se produzir a todo instante. Em oposição a essa produção de subjetividade capitalística, que é global,

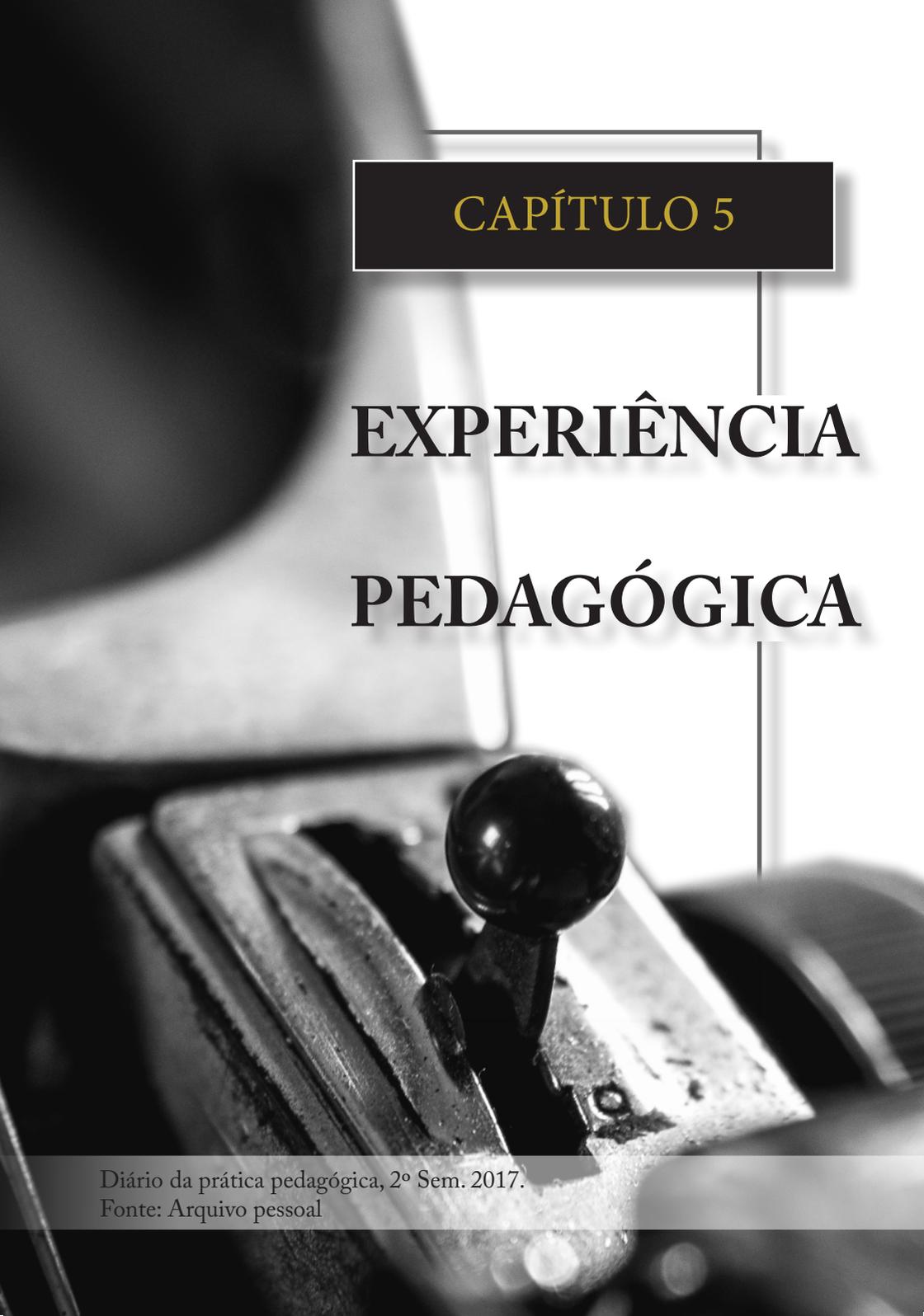
[...] a idéia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de ‘processos de singularização’: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 22).

Desta maneira se estabelece “[...] uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se apropria dos componentes da subjetividade [...]” (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 42). O processo de singularização fornece as ferramentas de criação que se fazem úteis em um momento em que a conscientização

do sujeito perante o sistema maquínico se instaura, permitindo uma autonomia criativa através da construção das próprias referências, um ato de deslocamento das concepções comuns de mundo, construídas através da educação, e da produção em arte.

É necessário concluir que este processo de singularização não se faz importante somente em relação a minha produção como sujeito, mas também aos estudantes com os quais entrei e possivelmente entrarei em contato, pois a partir do momento em que “[...] adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante” (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 55).

. . .



CAPÍTULO 5

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Diário da prática pedagógica, 2º Sem. 2017.

Fonte: Arquivo pessoal

Uma docência

Pergunto-me tantas vezes em que ponto de minha vida decidi seguir pela docência?

A sensação é de ser observado por uma luz de aviso de garagem, intermitente, piscando, ligando e desligando um local de alerta, sempre a procura do que está por vir...esta é minha relação docente hoje.

Acredito que deveria dar mais ouvidos a minha voz interior, uma variante da consciência como chamamos, crer mais nela, no entanto as outras vozes querem tomar o lugar dela e acabo com uma sobreposição de mil gritos ao mesmo tempo.

Talvez me sinta, plural e híbrido. Faz todo sentido a maneira fragmentada como me vejo, algo como as peças de um quebra cabeças ou os cacos restantes de uma outrora escultura, que somente eu tento montar segundo a segundo, ainda que as facetas se transformem e se reconfigurem após cada tentativa falha.

Uma peça, uma certeza, seu formato parece se combinar e encaixar na lacuna restante, mas ao tentar, forço, e nada acontece, então ela se reconfigura, ela parece análoga aos meus planos futuros, mas não consigo resolvê-la. Carece de estilo, de certeza e então um pouco de atitude.

Sobre “dar aula”

Logo após os primeiros contatos com uma sala de aula pude perceber a gama variada de estudantes com os quais iria entrar em contato, todavia no início do curso de Artes Visuais Licenciatura não poderia imaginar que nas disciplinas Prática Educacional IV e V seria incentivado a montar um projeto de ensino e pesquisa, destinado a estudantes das

escolas e ao Laboratório de Iniciação a Criatividade (LICA), Escolinha de Arte. Nestes dois casos meu planejamento versou sobre o retrato, e o autorretrato fotográfico. Foi experienciado o entusiasmo e a animação com que alguns dos estudantes demonstravam ao retratarem a si mesmos e seus ‘quartos dos sonhos’, diretamente relacionados à série fotográfica do Fotógrafo James Mollison, nascido em 1973 no Quênia, e criado na Inglaterra, “onde as crianças dormem”. Esta série de imagens lançadas em um livro do mesmo nome retrata algumas crianças ao redor do mundo, evidenciando suas diferentes etnias, tribos, faixas etárias e classes sociais.

Tais fotografias despertaram um interesse primário ligado ao social, aos contrastes, as discrepâncias nitidamente econômicas e ligadas a classe a que as crianças se encontravam, talvez forçosamente sejam de responsabilidade política. Podendo estas diferenças serem de certa forma explicadas, observando atentamente o cenário político dos últimos anos em cada região e país dos fotografados.

O ponto chave que destaco são as indagações a respeito destas não semelhanças, questões estas que propus em um primeiro momento de aula às crianças presentes: Será que ela brinca com todos esses brinquedos ao mesmo tempo? Ela precisa de todos esses brinquedos?

Mais tarde percebi o quanto já estava tomando uma direção, tentando inconscientemente direcionar os estudantes. Seria de interesse abordar outras formas de questionamento, procurando outras vias a que se possa colocar em questão.

Estas perguntas foram especificamente elaboradas para o ‘problematizar’, e lançadas quando exibi a seguinte imagem de Mollison:





Figura - Fotografia de Mollison - Kaya, 4 anos, Tokyo, Japão.
Fonte: <<http://jamesmollison.com/books/where-children-sleep/>>

Diário da prática pedagógica, 2º Sem. 2017. Fonte: Arquivo pessoal.

Antes eram +20
o que mais podia dar errado além
disto?

Restaram +16
Agora são -7
Quando serão +4?
Talvez não.
Talvez sim.

O desafio persiste, junto nova-
mente minhas forças.
Reunio minhas anotações, e procuro
em vão um acalento para minhas an-
gústias.

Sem sucesso permaneço acorda-
do, observando a nuvem que paira
sob meus pensamentos, e aquela ve-
lha questão insiste em não se dilu-
ir.

Quanto tempo se faz necessário?

Os livros não me dão resposta alguma, deveriam?
Deveria eu ser como um sol? Uma lua me cai melhor,
a lua, a noite e o sossego, sim estes realmente en-
tendem minhas reais necessidades.

Silêncio, amigo nos momentos difíceis, inimigo
também nessas horas. Se existe alguma culpa aqui de-
finitivamente não é do silêncio, acho mais provável
atribuir ao tempo, este que sempre me escapa.

Meu tempo aqui está acabando, como uma sangria con-
trolada, o vigor se esvai gota a gota, no entanto
é nessa hora que mais preciso de força.

Seriam estas provocações?

Não! Seria demais pensar que alguém ou algo moveria
um dedo com alguma intenção de mudar o que for.

Preciso de tempo, apenas o necessário, apenas o meu,
tempo para pensar, tempo para fazer, tempo para cres-
cer, me desenvolver e gerar frutos. Frutos na docência.
Na vida dos estudantes, na minha vida.



Peças ao vento

Peças se deslocam, flutuam, suas arestas ondulam, são ondas no horizonte em uma turbulenta tempestade, entrando, voando, subindo e descendo em um aflorar contínuo a quase ser uma figura circular, sem início ou fim.

Com o passar dos anos, torna-se difícil identificar onde foi o início da minha identificação como indivíduo, na adolescência talvez, antes... Às vezes me sinto velho, ainda que em formação, maduro em certos aspectos, em outros ainda engatinhando feito bebê, em processo, sempre em processo.

Penso a incompletude como estado de formação, de transformação contínua. Sentir falta, ausência, torna-se potência de criação, como ideia e princípio, pensando no que não mais está presente, expresso através do desejo de voltar o tempo objetos que emanem sentido e expurguem momentaneamente o medo que sinto ao perceber o mundo a se desintegrar;

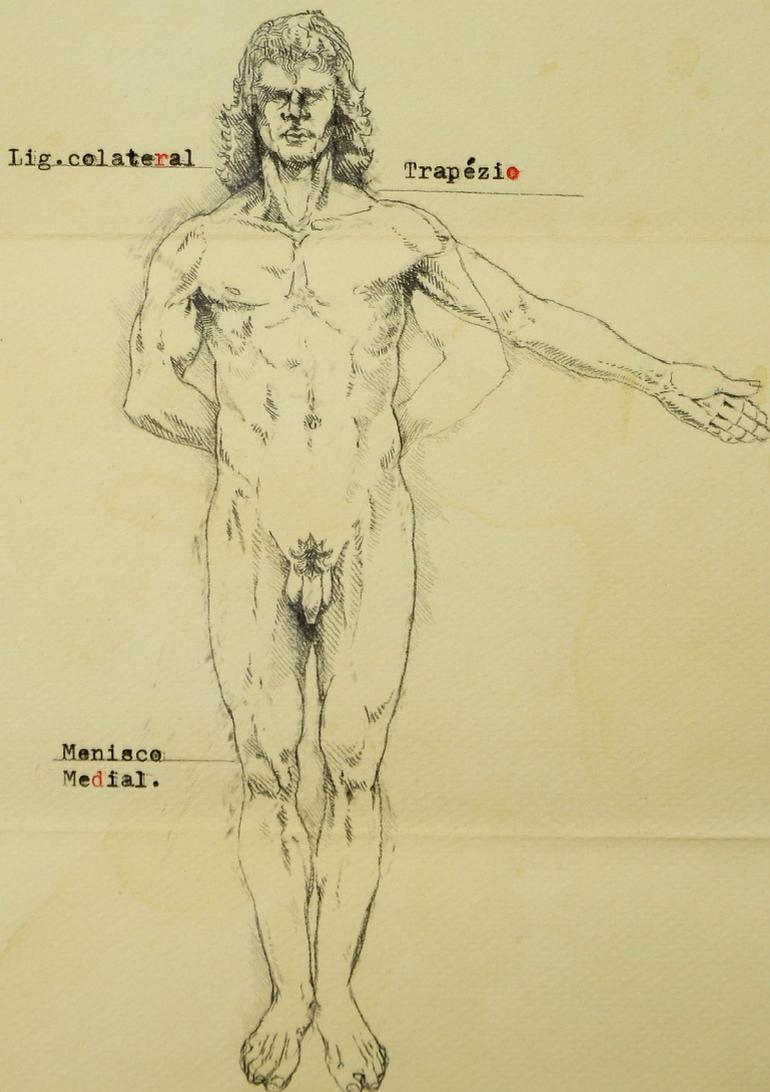
Pensar em partida, despedida, isto revolta em meu íntimo, o que gostamos simplesmente podem vir a não se repetir mais, então, encontramos outra razão para seguir nossa existência.

Pode ser que eu seja apenas mais um personagem sem rosto a passar pela vida de alguns outros personagens.

. . .

Em um canto da sala, penso, mas não falo, observo a reação de um senhor já cansado a aguardar seu canhoto ser chamado no guichê, ele olhou ansioso e puxou assunto, eu fingi que não me importo e lhe devolvo um sorriso sem graça, é um martírio até que ele perca o interesse.

"É um processo sem fim, de experimentação e mudança, não definitivo, construído ao longo da vida," é isto mesmo?



É um gracioso gesto empático ouvir o próximo. Por alguns segundos servir de recipiente para angústias e dores, às vezes problemas de outrem. Sem compromisso, apenas ouvir o que outra pessoa tem a dizer, não que me importe de fazer este favor as vezes, no entanto um estudante muitas vezes repete este exercício dia após dia se o que estivermos fazendo em sala de aula não fizer sentido a ele. Será que é isto que procuramos? Sermos apenas outra pessoa estranha a contar histórias ‘chatas’ a jovens que não ligam para elas?

Nosso compromisso também engloba fazer com que se importem, mas como exatamente?

Atribuindo sentido a ação pedagógica. É interessante ter em mente e considerar que o próprio estudante tem uma vida fora da escola. Ter calma, estar dinâmico frente as incertezas é uma possibilidade, pois “aceitar o fato de que a experiência investigativa é marcada por incertezas e que nem sempre a ordem é estabelecida com facilidade” (OLIVEIRA, 2011). Ou seja, não é fácil prever ou estar preparado para a adversidade de uma aula, porém como professores em formação é conveniente exercer a docência com cuidado e atentar para cada palavra escolhida, decisão tomada.

Desde o princípio a prática de lecionar me assustava, sempre que pensava neste assunto um frio na barriga se formava no fundo de meu estômago. Prostrar-se em frente a uma sala de aula era algo que me trazia receio, sim, de muitas coisas, dentre os receios, o de não ser respeitado, de perder o fio da meada, de não conseguir produzir sentido ao me envolver com os estudantes.

Pego-me atravessado por tantas questões, envolto em um mundo sem pena ou piedade que molda nossa vida com a persistência das ondas atingindo os rochedos. Foi então que o contato com outro ponto de vista nas aulas das disciplinas de Pedagogia da Educação e Arte I e II, aulas de dinâmica interessante, onde o aprendizado circulava entre professor e estudante, fizeram-me repensar por algumas noites o que estava realmente em jogo ali, uma profissão, cheia de caminhos e possibilidades que a cada olhar, a cada aula pode reverberar por anos na memória de um estudante.

Com o tempo alguns medos foram se mostrando desnecessários, temores os quais somente acabavam por atrapalhar a formação como professor.

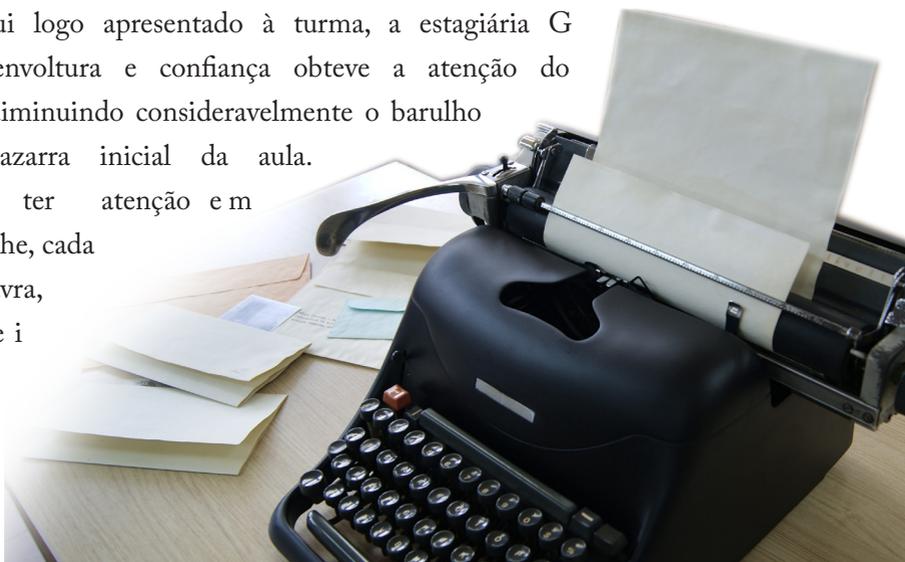
Neste período, como tarefa complementar, era necessária a observação em sala de aula e o acompanhamento de um professor em formação, a fim de angariar experiências, iniciando gradualmente o contato com nosso futuro ambiente de trabalho, a escola.

A primeira visita ocorreu dia 28 de abril de 2016, neste dia, acompanhei a estagiária G desde a sala dos professores, a qual foi se abarrotando aos poucos com os integrantes do corpo docente, enquanto nós dois aguardávamos inquietos o soar da campainha para que pudéssemos aplicar o quanto antes nossas funções, sim, deveras inquietos como em um primeiro dia de aula, o nervosismo, palpável nos meus olhos e pele, denotavam a nítida falta de experiência, no entanto me mantive sóbrio, e como de costume não recuei aos desafios impostos.

Era uma manhã fria e os estudantes aguardavam ansiosamente no corredor, conversando e olhando a nova figura que se aproximava cautelosamente, ainda que com uma aparente confiança, a estagiária G responsável pela turma naquele momento, já havia iniciado as atividades com a mesma uma semana antes, no momento lhes indagava sobre o que era lembrança e imaginário, temas decorrentes do seu plano de aula e provável pesquisa do semestre.

Fui logo apresentado à turma, a estagiária G com desenvoltura e confiança obteve a atenção do alunado diminuindo consideravelmente o barulho e a algazarra inicial da aula.

Busquei ter atenção e m
cada detalhe, cada
gesto, palavra,
a t e n t e i
t a m b é m
para a



postura geral e seus movimentos em sala. Aqueles momentos iniciais foram uma aula de como me portar em sala de aula, assim sendo de uma maneira mais natural obter a confiança e o respeito dos estudantes.

Após se dirigir ao grande grupo e obter gradualmente a atenção e a interação com a turma, a estagiária G iniciou sua proposta. Eu já havia me sentado junto aos estudantes e cada reação era por mim notada e anotada, alguns gostavam de chamar atenção, outros me olhavam curiosos, e outros ainda nem ligavam para minha presença. As indagações a respeito dos conceitos nortearam a aula, e as tarefas propostas aos poucos foram ganhando sentido junto ao alunado, o qual também contribuiu para o desenvolvimento das aulas seguintes.

Ser professor, contudo possibilita um vagar por entre as singularidades de cada estudante. Viajo a outros mundos, dotados de outras “leis da percepção”. Algumas vezes reconheço locais familiares, onde minha imaginação também fez morada tempos atrás. Ainda que seja viajante destes mundos sempre em movimento, sinto-me atravessado por ondas de sensações nostálgicas de minha infância, lugar de brincadeiras, imaginação, faz de conta, onde o que conta mesmo é caminhar com um olhar curioso e atento a cada descoberta.



olivetti LETTERA 35

Instalação, 1º Sem. 2018. Fonte: Arquivo pessoal

Sobre vontade no percurso acadêmico de um licenciando em Artes Visuais

Ser professor, contudo possibilita um vagar entre diferentes mundos, dos estudantes, do meu. Um percurso dentre as visões de cada indivíduo. Início com um sobrevoo sobre as minhas incertezas, uma vez mais procurando respostas, em um gesto que não cessa de perscrutar.

Algumas inquietações que carrego desde o ensino médio reverberaram já na vida acadêmica especificamente após meu retorno às disciplinas relacionadas à educação, me vi indagando de que maneira podemos nos tornar profissionais diferenciados? Como aconteceu minha escolha pela profissão de artista visual? Como nossas motivações alteram nosso agir, nosso olhar perante os outros? E de acordo com isso, que tipo de professores nos tornamos? Existe uma regra geral? Uma orientação?

Qual a ideia inicial de formação? Somos imbuídos a pensar de que maneira sobre nosso futuro?

Tínhamos mesmo a certeza de qual profissão seguir? Deparamo-nos assim com as instituições formadoras, nas palavras de Jorge Felz:

Formar profissionais capazes de criar situações de aprendizagem deveria ser o eixo central da maior parte dos programas de formação inicial e continuada dos professores da pré-escola à universidade (FELZ, 2003, p. 1).

Mesmo que comungue parcialmente com sua visão a respeito da aprendizagem, não penso em algo que seja verdadeiro em tornar-se professor. São mutações erráticas e disformes que de tempos em tempos constroem-me, e simultaneamente reconfiguram-me neste ir e vir.



Reminiscências, Fotografia. 2015. Fonte: Arquivo pessoal.

São enfrentamentos que fluem em inúmeras direções, ora se interligando a outros, ora se dividindo, formando lagos de incerteza, que se não contidos tomam imensas proporções, fugindo ao controle, causando desistência, perda de rendimento e/ou trocas de curso, penso que cada uma destas questões encontra uma vivência em cada acadêmico, em cada indivíduo, até mesmo em cada momento, em cada semestre.

Certa vez, parei a pensar de repente sobre como alguns acontecimentos haviam funcionado ultimamente, indagando-me quais inquietações, anseios, e desejos ou saberes que fazem um jovem escolher uma determinada carreira acadêmica?

Posso ressaltar algumas inquietações que logo vem a tona ao tocar neste assunto, como exemplo a pressão exercida por pais ou parentes. Em famílias que regozijam de certo prestígio na sociedade, abastadas financeiramente, torna-se notório a preferência por cursos tradicionalmente conhecidos por seu prestígio social, como medicina, direito, administração, engenharias e os ligados a agricultura. Não é tão simples entender tais escolhas, muitas delas vem acompanhadas de insatisfação e frustração. São retratos da sociedade atual.

Como acadêmico, consigo vislumbrar leves nuances de valorização de classe dos futuros profissionais, muito do que está relacionado ao meio econômico/social.

Artes visuais, uns vêem desenho, outros pintura, alguns a docência, inúmeros não veem nada, a não ser um grau na formação, eu vi um degrau no meu processo artístico. Confesso que esperava algo diferente, o nome 'academia' me remetia a disciplina, desenvolvimento livre de habilidades, encaminhamento, um desdobramento do potencial engavetado em cada um, foi estranhamente diferente, me senti apto ao desafio, talvez eu não tenha visto as oportunidades, talvez não queira sair de perto dos meus familiares, contudo não tive a necessidade de estar longe para me reinventar em outra pessoa, de tentar absorver influências vagas de artistas, lugares, ares.

Deixei-me afetar pelo que vivi , trouxe como bagagem vivências híbridas dos meios aos quais passei, este aprendizado se fez de muitas maneiras, de análises constantes de traços, cores, formas, estilos, abrindo vias dentre cópias, véus e transparências opacas de obras vazias, até mesmo de observações constantes de profissionais da área.

A experiência acadêmica é enriquecedora, poucos são os que veem a potência do pensar, o contato com o professor que não liga para seu futuro, e o professor que nos estudantes vê possibilidades e assume o risco de investir tempo, dinheiro, atenção, esperando algum respingos que talvez não ocorram como o esperado. Sigo tecendo indagações a meu respeito, a cada dobrar de corredor tento perceber os atravessamentos que me afetam e contribuem neste percurso de maneira que eu possa seguir me produzindo como docente.

Mais recentemente, as experiências nas cadeiras de educação fizeram vir à tona a vontade para continuar. Mesmo rarefeitas, as experiências em sala de aula se mostraram tão desafiantes como já eram esperadas a princípio.

O disparador de uma escrita que em certo ponto me afetou, foi de um exercício construído em aula pelas orientandas de mestrado J, e G, onde foi desenvolvido inicialmente um trabalho de cunho plástico, revolvendo e trazendo a tona referenciais da nossa trajetória dentro da academia, e posteriormente nos foi indagado o porquê de nossa escolha pela licenciatura, com base na escrita. Foi então proposta na aula ministrada pela orientanda J, a qual descrevo minha escrita com o intuito de que suas palavras reverberem:

“Escolhas, tudo se resume a escolhas, tomar ou não café da manhã, atravessar a rua na faixa, correr o risco, acordar todas as manhãs e escolher lutar pelo que se pensa.

Infelizmente às vezes a vida é quem não nos da escolha, ou assim alguns acreditam.

O caminho da docência inicialmente não foi uma escolha, soou para mim mais como uma alternativa, um plano B. O entusiasmo e a paixão pelo ensino raramente se fez presente na maior parte da minha vida. Foi a partir da escolha pela licenciatura e o aumento do contato com as teorias pedagógicas que a ideia do vir a ser professor tornou-se uma ideia mais palpável, com chances verdadeiras de se tornar real.

O amadurecimento abre as portas do saber, nos afasta de algumas incertezas, faz com que aumente nosso desejo de estabelecer logo um lugar em nosso mundo.

Nossas falhas tornam-se mais nítidas, afloram, e com isso passamos a notar mais claramente as falhas noutras pessoas.

O autoconhecimento e a conscientização são faculdades que ainda geram em mim a vontade de não deixar que jovens cresçam sem um desenvolvimento intelectual independente.

A docência também é educar, longe de ser o dono da verdade, ou o arauto da ética, sou apenas um ser humano a procura do seu lugar no mundo, e se isso acontecer em sala de aula, formando de alguma maneira cidadãos mais autônomos que seja.”



O preconceito

Arte fácil
deslomar-se em

No quem sabe!

Novamente
e Sempre ...
O que é a



No meu tempo? Sem Tempo

DESCONHECIDO

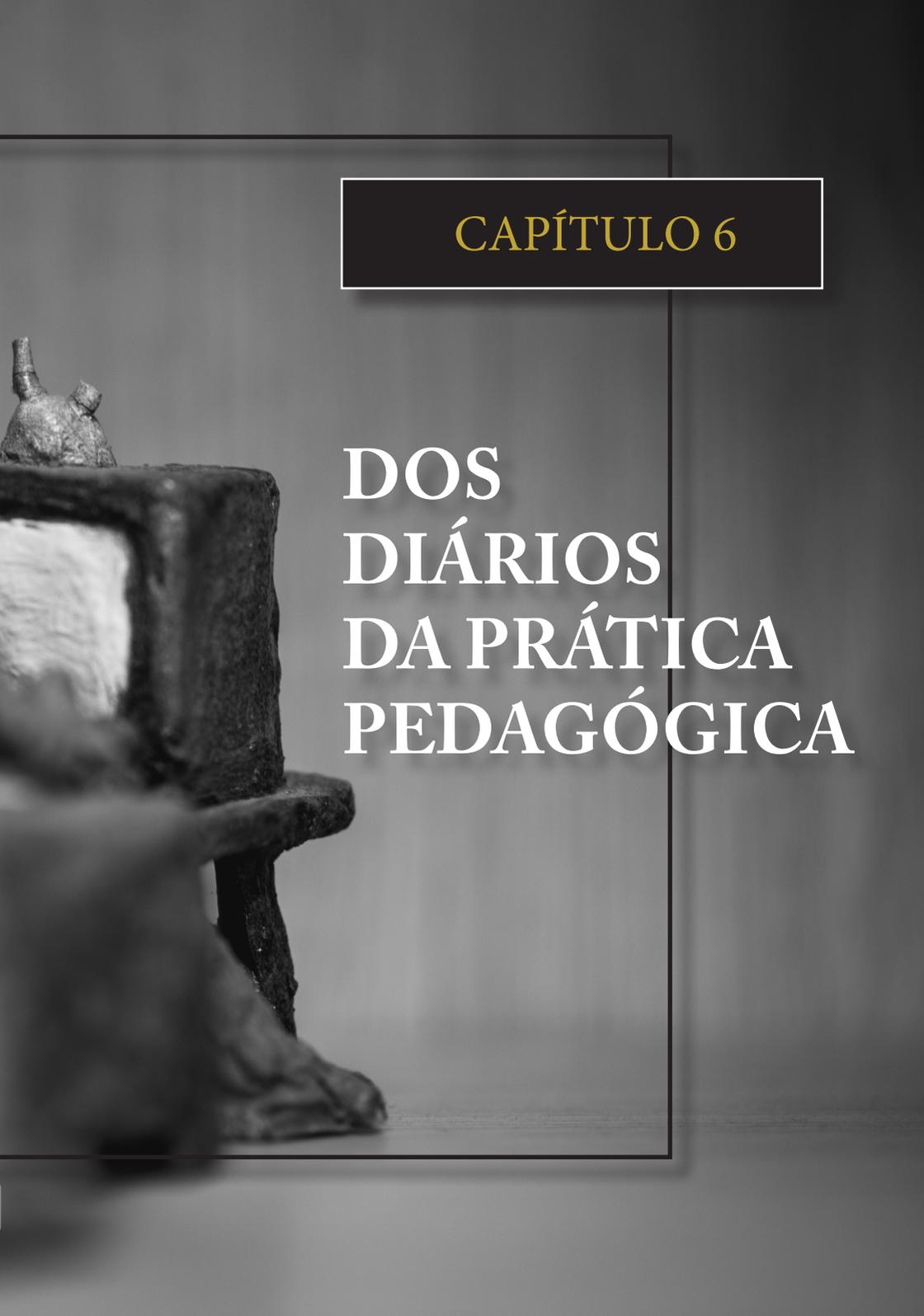
Sem título, técnica mista, 2º Sem. 2017. Fonte: Arquivo pessoal

alunos e professores

uma relação



Escultura. Autor: Fábio Puper Machado. Fonte: Arquivo pessoal.



CAPÍTULO 6

DOS
DIÁRIOS
DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA

O que é verdadeiro para qualquer processo de criação é verdadeiro para a vida. Um músico ou pintor está mergulhado em tudo o que foi a história da pintura, em tudo que a pintura é em torno dele e, no entanto ele a retoma de um modo singular (ROLNIK; GUATTARI, 2010, p. 80).



Estágio Curricular Supervisionado III, 2º Sem. 2017. Fonte: Arquivo pessoal.

Nas disciplinas de Estágios Curriculares Supervisionados III e IV, ministradas pela Prof^a Marilda Oliveira de Oliveira, como atividade complementar temos a tarefa de construir um diário da prática pedagógica, também conhecido como DPP.

De fato, este momento inicial foi muito importante para orientadores e estagiários, porém, após alguns anos (2002 a 2009) começou a demonstrar-se falho como instrumento metodológico, pois excluía as imagens do percurso. Estava baseado apenas na palavra escrita e na leitura para o grupo, ou pelo menos, assim o operacionalizávamos (OLIVEIRA, 2014, p. 114).

Esta percepção da falha como instrumento metodológico permitiu o desenvolvimento deste novo e ampliado DPP. Este diário pode ser produzido a partir de variadas linguagens, como caderno, livro, tela, quebra-cabeça, pilar, histórias em quadrinhos, tecidos, cabelo, dentre outras materialidades. A princípio, cada estudante escolhe sua própria materialidade, a fim de constituir um projeto de cunho pessoal onde busca contemplar, dilemas e pontos de pauta constituindo um processo de sua formação como professor.

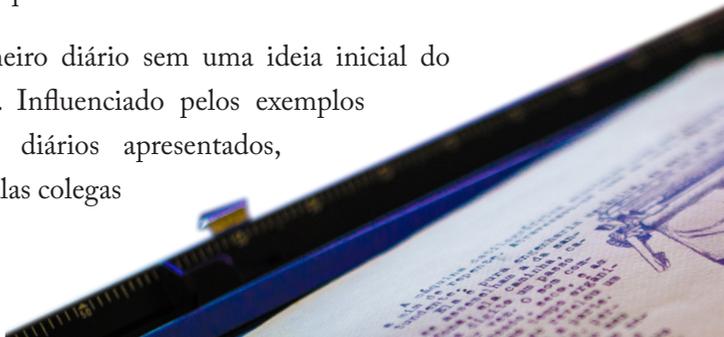
É necessário que contemple falas em primeira pessoa do professor que está a se formar, relacionando ele mesmo com o que percebe a sua volta. Também é interessante que contenha sentimentos próprios do processo, impressões, fragmentos da experiência. Em especial, pude inserir vivências artísticas possuidoras de questões contundentes detentoras de sentidos e que tem referência em meu trabalho plástico, me refiro aqui ao retrato independente aos protocolos de produção do mesmo. A despeito de sua importância nas andanças por entre os percursos de formação:

A imagem quando não tem o propósito de representar a narrativa textual, possibilita a ampliação de significados, sinalizando outros elementos que talvez fossem imperceptíveis se tivessem sido apresentados de outra maneira. Em vez de servir de ilustração do texto, as imagens podem nos desafiar a estabelecer outras pontes e inúmeros liames. A imagem neste cenário passa a ter um papel tensor (CARDONETTI; OLIVEIRA, 2015, p. 59).

Isto implica em uma abordagem que não corrobora a função descritiva de uma imagem. A imagem descritiva se caracteriza por exemplificar o que estamos descrevendo ou relatando, porém, busco usá-la como ampliadora da escrita de forma a movimentar o pensamento como instrumento que opera não só através, mas com o olhar inaugural.

Outro componente presente foi o conceito do projeto de pesquisa o qual o professor em formação desenvolve em sala de aula, além do trabalho escrito teórico. Além desses pontos importantes, elenco também o diálogo entre a escrita e a imagem, sem que nenhuma se sobressaia a outra.

Iniciei meu primeiro diário sem uma ideia inicial do que poderia desenvolver. Influenciado pelos exemplos do que vi em outros diários apresentados, testemunhei em outras aulas colegas



que levavam seus diários durante todo o semestre, preenchidos com descrições não necessariamente diárias de acontecimentos e impressões de eventos que aconteceram em certo período de tempo.

Decidi pela escolha do formato livro, rodeado por inventos imagéticos que visitei ao poder ver, ao vivo tais diários, adquiri um livro de 500 páginas para tal, de formato médio e de capa marrom semi-rígida. Rememoro o quanto perdido estava dentre deslocamentos sensíveis que me atravessavam em cada experiência nos percursos docentes que percorria, mas sabia que:

Por meio do diário, os indivíduos passam a se ver na sua própria narrativa, possibilitando que recriem os acontecimentos que narram. Ao se permitirem olhar para os acontecimentos passados, deslocados do espaço/tempo e também envolvidos em outras forças em exercício, passam a ser impulsionados a fazer diferentes relações, debruçando-se em singulares problematizações (CARDONETTI; OLIVEIRA, 2015, p. 57).

Durante cerca de trinta dias espirei por objetos, soluções e configurações possíveis que fossem consistentes na concepção de diário da prática pedagógica, não poderia imaginar, porém “escrever um diário foi como travar uma espécie de diálogo comigo mesmo” (ZABALZA, 2004, p. 9). Ciente de que o diário poderia se deslocar por entre as dobras e entrelinhas da narrativa, escolhi por uma perspectiva em que pudesse tornar as problematizações um tanto mais instigantes.

Este foi o ponto de partida, não queria apenas mais um diário, mas um que se mostrasse único, um diário que pudesse alimentar e problematizar as implicações do ser professor, artista e pesquisador. Um Diário que estendesse convites ao seu deleite, que tivesse significado e pudesse estabelecer diálogos com vivências.





Instalação 1º Sem. 2018. Fonte: Arquivo pessoal.

Dentre alguns objetos que afetaram-me, um deles mostrou-se tensionador, pelo fato de ser construído a partir do que se entende por fotografia, um livro álbum, com capa dura e espaços ovais em seu interior, de páginas grossas que sinalizaram histórias entrecruzadas, que despertaram em mim fortes interesses pelas narrativas visuais potencializadas por sua materialidade, visto que “o diário oportuniza vermos de fora como se constrói nosso pensamento em relação ao objeto de investigação” (CARDONETTI, OLIVEIRA, 2015, p. 57).

Aqui adentrou minha preocupação não somente pela relação professor/pesquisador, de relatos e narrativas internas sentidas por mim, mas, externamente falando, de como a visualidade do meu diário iria ser experienciada, sabendo que “ao elaborar um diário, não somos mais os mesmos que antes, elementos entraram em cena e intercessores nos violentaram a pensar outras coisas neste percurso” (CARDONETTI, OLIVEIRA, 2015, p. 57).

Operei certa apreensão estética em torno de como meu pensamento se constrói visualmente e como iria notar mais tarde, como tudo se compôs artisticamente. No momento de sua concepção concretizava meu Estágio Curricular Supervisionado II na Escola Municipal Altina Teixeira, onde inaugurava meus serviços em uma escola formal, um 9º ano magnífico. Tão cheio de sonhos e esperanças quanto a mente de uma criança é capaz de nos mostrar.

Comecei a tencionar vivências, aspectos, considerando a possibilidade de servir como mobilizadores em ambientes escolares, na universidade e em lugares que faziam parte do meu cotidiano. Também fizeram parte do processo, encontros e desencontros, contribuindo com dilemas tais como “[...] monstros grandiosos e imaginários, eles adotam outras formas e se apequenam” (CARDONETTI, OLIVEIRA, 2015, p. 60).

Ao meu ver o diário se alimenta das experiências daquilo que me oportunizei cotidianamente. A medida que a narrativa se desenvolve, monstros imaginários se mostram diminuídos.

Quando tomamos por potência aquilo que produzimos quanto artistas e percebemos que dessa relação resulta a possibilidade de autoconhecimento, expandindo o campo de visão, que por vezes se limita a verdades, percebemos que “no momento da escrita, travamos uma conversa com o nosso interior, permitimo-nos a apagar algumas passagens, acrescentar outras e imaginamo-nos no momento em que estaremos no grupo verbalizando nosso diário frente aos colegas” (OLIVEIRA, 2011, p. 184).

Tal afirmativa comporta a ânsia de ser desmascarado, despido diante dos colegas em formação. No dia da apresentação do DPP além dos anseios, e pormenores desenvolvidos no diário, as imagens e conceitos presentes na criação do álbum ‘gráfico’ possibilitaram-me revisitações a momentos que de outra forma serviram de veículo até o momento onde estou.

No semestre seguinte, pensando em um DPP que poderia ser desenvolvido de forma madura, transbordei-me pela beira das limitações, me permiti pensar fora da caixa, deixando a imaginação fluir.

Tendo em mente um projeto conciso, em meu caso necessário, tendo em vista que:

Quando resolvemos seguir um caminho ou fazer uma viagem, o primeiro passo, geralmente, é fazer um planejamento. O projeto de pesquisa é uma expressão escrita desse planejamento, é o documento que revela uma série de decisões que você tomou para seguir viagem (GONSALVES, 2003, p. 11).

O projeto inicial antes visto com outros olhos não mais se sustentava, que possibilitou observar cada elemento a minha volta, o que realmente fazia sentido neste momento tardio. Em meio as memórias, revisei momentos abarrotados de afetos com o qual pude acomodar cada peça do que consistia ser Fábio.



Instalação, 1º Sem. 2018. Fonte: Arquivo pessoal.

Repensei os motivos de estar cursando Artes Visuais, a carreira, a aproximação com o desenho, a pintura, o retrato, iniciei a procura por elementos que pudessem proporcionar uma mudança de paradigma em meu trabalho e ao mesmo tempo abrissem frestas para dimensões variadas, criativas. Em um tateio curioso algo chamou-me a atenção, se contraía e expandia, aparentemente fora de contexto convidou-me a transitar por outras vias tomando caminhos híbridos que possibilitaram pensar o diário sobre outros modos.

Compreendo a expansão do mesmo como chance de produzir diferentes significações, sendo assim:

A produção do diário passou a ser algo menos formal, deixou de ser uma espécie de ata de acontecimentos para se transformar em um instrumento que possibilita um questionamento ao que tenho feito em sala de aula. Acredito que tenha potencializado a reflexão, pois ao fugir da formalidade antes presente, já nos desestabiliza para que possamos pensar o diário de outras formas (OLIVEIRA, 2013, p. 230).

Não descarto a validade processual do diário da prática pedagógica do semestre anterior, de maneira alguma tornou-se descartável, funcionou como um degrau para o melhor entendimento das propostas pedagógicas propiciadas pela produção do diário. O DPP em formato de álbum necessitava de justaposição dos próprios elementos que aos poucos foram tornando-se numerosos, vazando além da folha e da escrita.

O diário antes denominado “saudades em sua identidade”, operou fora do elemento álbum expandindo-se para além das formas narrativas contidas no diário, que culminaram em uma espécie de instalação.

Cada parágrafo é batimento de um coração a espera da próxima mudança, que bate apático. Tecendo perspectivas, cada letra funciona como tijolo, pressionando o aço sobre a superfície de papel, justapondo sucessivamente impressões de uma vida.

Fundido, impresso, gravado na superfície, na mestiçagem da linguagem e do traço, diferente do que separados um dia já foram.

A escrita comunica, abre caminhos onde o que importa é sonhar, e:

Escrever sobre o que estamos fazendo como profissional (em aula ou em outros contextos) é um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho. É uma forma de ‘distanciamento’ reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. É, além disso, uma forma de aprender (“Writing as a mode of learning” é o título de um artigo de Emig, 1977) (ZABALZA, 2004, p. 10).

Percorri estradas sem laterais nem divisas, que seguem sem findar, desaparecendo, ressurgindo envolto em névoa, um passo de cada vez rumando a próxima bifurcação, aprendendo com os dilemas que “às vezes se apresentam como simples buscas de um valor fortemente sentido pelo professor” (ZABALZA, 2004, p. 71). Potente como fonte de pesquisa a confecção do diário permitiu uma

revisita do professor a sua prática, rememorando e tecendo caminhos baseados em olhares de outrora.

As palavras e seus dígitos relatam de maneira semelhante cada detalhe deste micro verso interno, a descrição de um sentimento, de uma impressão, uma captura de gesto que fica no ar, um movimento solene que acena aos significados não percebidos costuram histórias que se tornam reais para quem se permite sentir.

Certos termos também tentam descrever medo, por vezes decepção, saudade, delírio, tão pessoais quanto o indivíduo pode ser, problematizando a cada guinada o componente que opera através destes sentimentos por vezes imaginários, mas que, no entanto, são marcadores de instabilidade em minha trajetória.

Cada passo invade e circula pelo ar presente em todo recinto, retumbando profundamente fazendo-se ouvir em outros lugares formando ressonâncias que convidam a sua presença.

A vontade presente nas palavras contém seus sentidos, sobrepondo-se as máscaras líquidas as quais moldam-se e transformam-se a cada instante.

Não sou o que já fui a momentos atrás, me recriando, me reconstruindo, reaprendendo e tornando outro ser, com outras ideias, prioridades e anseios. A palavra escrita pode transformar, o desejo pode acontecer.

...

Teste de campo.

Depois de uma árdua procura, finalmente pude me deleitar em digitar, ou melhor dizendo, datilografar em uma máquina a qual consegui resgatar de um lugar qualquer, esquecido e empoeirado em cima de uma estante suja e velha.

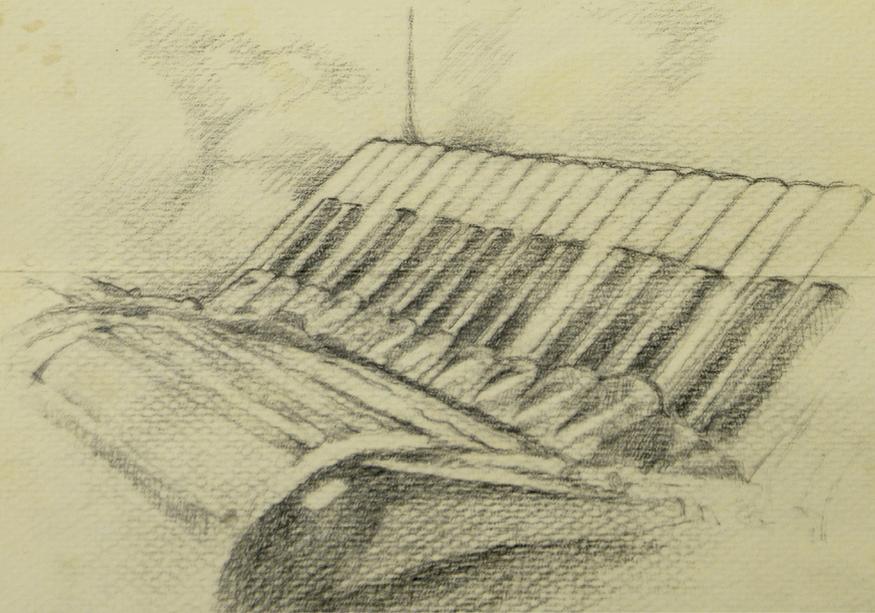
Dar vida e funcionalidade a um objeto esquecido, utilizado e descartado, de teclas gastas, de ferrugem abundante, como um humano, o qual talvez tenha cumprido sua função, e agora já esteja na hora de descansar.

Não para esta ferramenta a serviço da arte, e da educação.

Antes neutra, agora negra como o dono. Potente e renovada, com engrenagens hoje funcionais e destravadas.

Só resta reagir, e agir|
Sem parar, sem recuar, a cumprir seu propósito ao meu lado.

Como uma arma, uma lança, me protege, ataca.



Considerações finais

A partir da realização deste estudo em um percurso por vezes errático, em algumas ocasiões fixei morada, em outras, segui andarilho entre preparações de aulas, produção artística e o processo investigativo. As experiências possibilitadas pelos estágios curriculares supervisionados foram responsáveis por atravessamentos e experiências, para que assim, aos poucos, pudesse me produzir como professor, artista e pesquisador.

A proposta da pesquisa desdobrou-se por caminhos não antes cogitados, o contato com o conceito de produção de subjetividade permitiu uma abertura no que diz respeito ao modo de ver o funcionamento da nossa sociedade de consumo, mas, também permitiu ver-me como pesquisador em processo, professor em estado de latência e artista em experimentação.

Observei que, ter contato com tal escrita sobre como um professor se produz, permite um olhar mais aproximado a várias questões pessoais e culturais que fazem parte da formação docente, assim também como da formação como artista e da formação como pesquisador. Observei como este sujeito vem atuando em diferentes territórios, presenciando lamentos, sucessos, receios e escolhas, se produzindo constantemente e conseguindo conceitualizar este processo de produção de si.

Então, é válido citar que a produção de subjetividade esteve sempre presente nesse percurso como potência através da singularização. A criação artística através de outras referências que não somente as fornecidas pelos interesses dos produtores de subjetividade em grande escala (macro), pode constituir um meio de pesquisa que permite possibilidades de investigação também em sala de aula (micro). Essa abertura pode ser encarada como potência de multiplicidade assim como a investigação e experimentação em aula com os diários da prática pedagógica, como sistema de autoavaliação, instaurador de problemáticas, de questionamentos, de processo de criação e de possibilidades na docência.

Constatarei que a produção de subjetividade acontece nas coletividades, na produção do social, nas trocas com grupos. São forças sociais, mas também

políticas, sistemáticas e gigantescas que a todo momento tentam nos capturar por um modo de pensar, de agir, de ser. Aqui reside o grande desafio, extrapolar essa forma serial de se produzir. Lúcido, projeto um futuro como agente mutante nos sistemas coletivos de visão, ainda que estratégias sejam necessárias para amenizar as consequências de tal escolha, ser agente dessa mudança é válido a partir do momento em que ser singular permite estar em um sistema macro, sem ser universal.

Com base nestes entendimentos, cabe insistir na validade desta investigação como processo, uma maneira de observar as constantes mudanças de um professor em formação, que se deixou afetar por aulas, professores, estudantes a que teve contato, escolas, diretores, funcionários, obras, percursos, ou seja, se produziu a todo momento e que continua a se produzir como sujeito em singularização, em processo de libertação de grilhões. Consciente do que pode produzir como artista, do que quer produzir enquanto docente, tendo aprendido o que talvez se constitua o ato mais importante de todo esse processo, a ser pesquisador.

Referências

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (org.). **Interterritorialidade: mídias, contextos educação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2008. p. 26 e 27.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman**;. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Isto não é um diário**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

BITTENCOURT, Danny. **Fotografia Fine Art** - Santa Catarina: Iphoto Editora, 2015.

CARDONETTI, V.K. OLIVEIRA, M. O. Diário de aula: disparador de problematizações e de possibilidades para pensar a formação de professores de Artes Visuais. **A formação do professor e o ensino das artes visuais** / Marilda Oliveira de Oliveira e Fernando Hernandez (Organizadores) – 2 ed. Ver. E ampl. – Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2015.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Félix Guattari e a produção de subjetividade na sociedade de consumo. In: Fabiano Ormanzeze; Cecília Pavani; Ana Gabriela Simões Borges. (Org.). **Comunicação, educação e liberdade na sociedade do espetáculo**. 1ed. Campinas: Pontes, 2014, v. 1, pp. 9-24.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995 .

COELHO, Roseane Martins. Imagens fotográficas como dispositivo na formação de professores de artes visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.) **Arte, educação e cultura**. 2. Ed. Revista e ampliada. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2015. pp.329-339.

DIAS, B.; IRWIN, R, L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem visual**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FELZ, Jorge. **Reflexões sobre o ser professor: a construção de um professor intelectual**. 2003.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2003, pp. 10-62.

GONZÁLEZ, Flores, Laura. **Fotografia e Pintura: dois meios diferentes?** Laura González Flores; tradução Danilo Vilela Bandeira; revisão da tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção Arte&Fotografia).

HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia/** editora geral: Juliet Hacking; prefácio: David Company [tradução de Fabiano Morais, Fernanda Abreu e Ivo Korytowski]; Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (Orgs.) **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Edufsm, 2013. pp. 39-62.

JAMES MOLLISON. Books, **Where Children Sleep**. Santa Maria, 2018. Disponível em: <<http://jamesmollison.com/>>. Acesso em: 14 de Março de 2018.

JANSON, H.W. **Iniciação à história da arte/** H.W. Janson, Anthony F. Janson; [tradução Jefferson Luiz Camargo].-3ª. Ed.-São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MACHADO, Arlindo. Waldemar Cordeiro: o Brasileiro Precursor da Arte Mediada por Computadores. **Revista Eco-Pós (Online)**, v. 18, p. 27-35, 2015.

OLIVEIRA, M.O. Por uma abordagem narrativa e autobiográfica: os diários de aula como foco de investigação. **Educação da cultura visual** : Conceitos e contextos /Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores).- Santa Maria: Ed. Da UFSM. 2011.

OLIVEIRA, M.O. O que pode um diário de aula? **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação** / Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores).- Santa Maria; Ed. Da UFSM. 2013.

OLIVEIRA, M.O. Diários de aula como instrumento metodológico da prática educativa. **Revista Lusófona de Educação**, 27, 2014.

PAZ, Thaís. OLIVEIRA, Marilda de Oliveira. Narrativas a partir da fotografia. **Cadernos de Educação**. Faculdade de Educação, UFPel, 2013.

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3816/3063>

PRECIOSA, R. **Rumores discretos da subjetividade** - Sujeito e escritura em processo / Rosane Preciosa. – Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

ROLNIK, S.. **Cartografia Sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo.. 6a. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, S.; GUATARRI, F. . **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2010. 439p

ROLNIK, S.. Entrevista filmada no contexto do Projeto Brasil-Argentina, '**Narciso no espelho do século XXI**: Diálogos entre a Psicanálise, as Ciências Sociais e a Comunicação'. 2016. (Programa de rádio ou TV/Entrevista). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QNrXkFWtL2s&t=9s>>. Acesso em: 22 de Maio de 2018.

SOARES, L. B.; MIRANDA, Luciana Lobo . **Produzir subjetividades**: o que significa?. Estudos e pesquisas em psicologia (Online), v. 9, 2009. pp. 40-60.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**, Companhia Das Letras, SP, 1977.

ZABALZA, M.A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed. 2004.

